



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
CURSO DE PEDAGOGIA - ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO

JAILSON BATISTA DOS SANTOS

OS DESAFIOS DA PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES LGBT NA UNIVERSIDADE:
uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia - Educação do Campo

JOÃO PESSOA
2017

JAILSON BATISTA DOS SANTOS

OS DESAFIOS DA PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES LGBT NA UNIVERSIDADE:
uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia - Educação do Campo

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Pedagogia com Área de Aprofundamento em Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Dr.^a Edineide Jezine Mesquita Araújo, tendo como requisito a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

JOÃO PESSOA

2017

S237d Santos, Jailson Batista dos.

Os desafios da permanência de estudantes LGBT na universidade: uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia – Educação do Campo / Jailson Batista dos Santos. – João Pessoa: UFPB, 2017.

78f.: il.

Orientadora: Edineide Jezine Mesquita Araújo
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia – Educação do Campo) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Estudantes LGBT. 2. Curso superior - permanência.
3. Universidade. I. Título.

UFPB/CE/BS

057(043.2)

CDU: 37-

JAILSON BATISTA DOS SANTOS

OS DESAFIOS DA PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES LGBT NA UNIVERSIDADE:

uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia - Educação do Campo

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Pedagogia com Área de Aprofundamento em Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba sob a orientação da Professora Dr.^a Edineide Jezine Mesquita Araújo, tendo como requisito a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 13/06/2017.

Banca examinadora



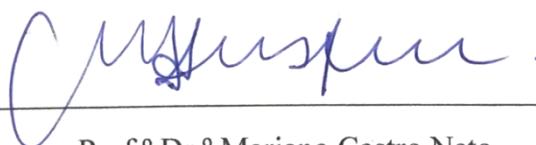
Prof.^a Dr.^a Edineide Jezine Mesquita Araújo

Orientadora - UFPB



Prof.^a Dr.^a Francisca Alexandre de Lima

Examinadora - UFPB



Prof.^o Dr.^o Mariano Castro Neto

Examinador - UFPB

Dedico este trabalho à toda comunidade LGBT que convive diariamente com a LGBTfobia, pela coragem de assumirem o que são. Aos que não conseguiram chegar na Universidade, por algum motivo relacionado à vulnerabilidade social. Aos que superaram as barreiras sociais e conseguiram adentrar no ensino superior. Às mulheres que sofrem pela misoginia por serem mulheres. Aos movimentos sociais de todas as categorias. Aos docentes que não sabem lidar com os “despadronizados” e as diferentes formas e expressões que a sexualidade assume. E aos docentes que respeitam a diversidade humana e que se preocupam verdadeiramente com a educação.

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos.

Michel Foucault

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos deuses do bem, pelas vibrações positivas dirigidas a mim proporcionado ao longo da minha vida, enquanto ser humano de uma paciência quase infinita.

A minha mãe Maria Patrícia, e meu pai, João Batista dos Santos, que apesar de não terem uma formação escolar completa, sempre serão meus doutores na vida, por me proporcionarem uma educação coerente com os princípios humanos.

Aos docentes que contribuíram de forma significativa na minha formação escolar no ensino básico, e aos docentes que complementaram essa formação no ensino superior.

A Professora Dr.^a Edineide Jezine, pela sua paciência, orientação e confiança, e ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Superior e Sociedade - GEPESS.

A todos(as) os(as) estudantes da Universidade Federal da Paraíba, em especial a turma de Pedagogia – Educação do Campo 2012.1, os quais faço questão de cita-los aqui: Adriano Garcia dos Santos; Alexandro Homanneek; Aline Fernanda Firmino de Freitas; Ana Claudia Bulhões de Vasconcelos; Ana Luísa Ramalho Xavier de Araújo; Ana Maria Jose Marinho da Silva; Andreia Silva dos Santos; Antônio Laurentino da Silva; Beatriz Rocha Souza; Briele Bruna Farias da Silveira; Cacilda Souza de Moraes; Claudia Emanuela da Silva Ramalho; Daniel Soares de Araújo; Deborah Bandeira da Silva; Djulya Franciele do Rego Oliveira; Elisandro Goncalves de Sousa; Elizabeth Cristina Cavalcante da Silva; Everaldo Gomes de Lima; Fabia Vanessa Fernandes da Silva Ataíde; Francinilda da Silva de Sousa; Gabriela Santos Soares; Gittana Pessoa de Oliveira; Glaucileide Nunes de Melo; Jacielly Cassemiro; Jefferson Carlos Pereira da Silva; Jordânia Pereira Firmino; Josifran Abrantes Formiga; Josineide Ramalho de Oliveira; Juan Karlo Gomes De Medeiros; Juliana Ferreira da Silva; Juliana Pessoa Soares; Júlio Cesar Araújo da Silva; Karina Karla Rodrigues Miguel; Kelley Everson Sidney da Costa; Leila Felix de Souza Moura; Leticia Teixeira Fernandes Gorgonho; Looren Ingrid Ribeiro Quixaba; Luana Lopes Da Silva; Luciana Enilda Naziazene; Marconi Edson dos Santos; Maria Cristina Melo de Oliveira; Maria Gislhayne da Silva Santos; Marlon Francisco dos Santos; Micaela Dayse Cruz do Nascimento; Micheline Sheila Lima Nunes; Miranda Meira Bezera; Mirian Oliveira do Nascimento; Ozana Andrade dos Santos; Petrônio Freire da Silva Filho; Rachel Silva de Souza; Renan Dativo do Nascimento; Rideygue Araujo Clementino; Thalita Claudia Silva dos Santos; Ubenia Nijara Ramos; e Vandeilma Patrício Mendes de Souza.

E por fim, agradeço aos amigos e amigas, de todas as tribos e cores, que fizeram parte da minha história em todos os âmbitos sociais em que estive presente.

RESUMO

Este trabalho aborda a temática os desafios da permanência de estudantes LGBT na universidade: uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia - Educação do Campo. Tem como objetivo, analisar os elementos que constituem os atuais desafios para permanência desses estudantes no referido curso, na Universidade Federal da Paraíba, considerando a orientação sexual como uma variável relevante, em que, ao gerar ao não processos de exclusão, pode estar intrínseca às condições de permanência na universidade. O trabalho dialoga com as pesquisas do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Superior e Sociedade (GEPES/NEPES/PIBIC), cujos debates realizados pelo grupo versam sobre a problemática do acesso e permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade social no ensino superior nos anos 2000. A temática do trabalho atende sob a justificativa de que a LGBTfobia vem sendo alarmante nos últimos anos, gerando transtornos psíquicos, educacionais, e sociais irreparáveis, tendo a permanência nos espaços educacionais ameaçada (FERREIRA, 2015). Nesse sentido, levanta-se a seguinte problemática: Quais os atuais desafios enfrentados pelos estudantes LGBT em relação a permanência no curso? Qual a relação entre a condição de ser LGBT com as condições de permanência na universidade? Como se configura a permanência desses estudantes na universidade frente aos processos de exclusão? Para tanto, utiliza-se da metodologia qualitativa apoiado em dados estatísticos. A técnica utilizada é dividida em duas etapas: a primeira em formato de questionário, aplicado por e-mail eletrônico aos estudantes, e a segunda através de entrevista semiestruturada com três estudantes LGBT do curso Pedagogia – Educação do Campo. O trabalho fundamenta-se nos estudos desenvolvidos por Bourdieu (1998) sobre poder simbólico, em que, discute os capitais: social, cultural e econômico que segundo ele, refletem nas condições de vida dos indivíduos. No tocante aos resultados, a análise possibilitou inferir que a permanência se configura como um ato de resistência, frente aos processos de exclusão. Contudo, apesar das situações de vulnerabilidade social, os estudantes vêm superando os desafios de permanecer na universidade, e atrelam isso à forte identificação pelo curso.

Palavras-Chave: Estudantes LGBT. Permanência. Universidade.

ABSTRACT

This work aims to analyze the elements that constitute the current challenges for LGBT students remain in Pedagogy – Field Education Course at Universidade Federal da Paraíba. It's an analysis in sexual diversity perspective, considering sexual orientation as a relevant variable, that as generating or not exclusion processes, can be intrinsic to the remain conditions in the referred course. The work dialogue with the researches of de Estudos e Pesquisa em Educação Superior e Sociedade (GEPES/NEPES/PIBIC), whose debates fomented by the group were from inside a scenario, in which, one processes the students in a socially vulnerable situation enter and remain in higher education in the 2000s. In these ways, raises the following issue: What are the current challenges faced LGBT students about the Pedagogy- Field Education Course? What's the relationship between the condition of being LGBT and the remain conditions at the university? How is configured these students university remain? The choice of the research object uses the justification of that the homophobia has been alarming last years, generating irreparable emotional, educational and social disturbances, being the educational spaces remain under threat (FERREIRA, 2015). Therefore, a qualitative methodology based on statistical data is used. The technique used is divided into two stages: the first one is in the formo f a questionnaire, that was applied through electronic e-mail to the students, and teh second one through semistructured interview with three LGBT students from Pedagogy- Field Education course. The work is based on the studies developed by Bourdieu (1998) about sociology and education, whose analysis characterize the symbolic power, in which, discuss the socila, cultural and economic capital, that he says reflect in the conditions of human life. As regards the results, the analysis enabled a reflection on the exclusion processes, in which, despite the social vulnerability situations, the students have been overcoming the challenges of remanining at the university, and they correlate it to the strong identification with the course.

Key-Words: LGBT students. Remain. University.

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 01:** Percentual de estudantes que se sentem inseguros/as nas instituições educacionais por causa de uma característica pessoal.....31
- FIGURA 02:** Características dos/das participantes da pesquisa da ABGLT.....32
- FIGURA 03:** Frequência da agressão verbal durante o ano de 2015 nas instituições educacionais.....33
- FIGURA 04:** Número de dias que estudantes LGBT não foram à instituição educacional no último mês, porque se sentiam inseguros/as ou constrangidos/as.....34
- FIGURA 05:** Percentual geral de estudantes que já presenciaram ou souberam de algum ato de discriminação ou preconceito contra estudantes LGBT na UFPB.....58

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Políticas e ações que podem favorecer a permanência na UFPB.....39

QUADRO 02: Assistência estudantil que pode favorecer a permanência – Políticas de Assistência Estudantil – PRAPE/UFPB – 2012.....40

QUADRO 03: Síntese do perfil socioeconômico dos estudantes do Curso de Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo - 5º ao 10 período.....54

QUADRO 04: Síntese do recorte LGBT sobre as condições de permanência no curso de Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo – 5º ao 10º período.....59

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Orientação sexual dos estudantes.....	44
GRÁFICO 02: Sexo.....	45
GRÁFICO 03: Cor/raça.....	46
GRÁFICO 04: Idade.....	46
GRÁFICO 05: Estado civil.....	47
GRÁFICO 06: Mora com.....	47
GRÁFICO 07: Trabalho.....	48
GRÁFICO 08: Renda familiar.....	49
GRÁFICO 09: Instrução do Pai e da Mãe.....	49
GRÁFICO 10: Tipo de escola.....	50
GRÁFICO 11: Origem geográfica dos estudantes.....	50
GRÁFICO 12: Situação da matrícula.....	51
GRÁFICO 13: Contemplação de bolsa.....	52
GRÁFICO 14: Avaliação da assistência estudantil na UFPB.....	52
GRÁFICO 15: Motivos pela escolha do curso.....	53
GRÁFICO 16: Perspectivas após conclusão do curso.....	54
GRÁFICO 17: Percentual de estudantes LGBT que demonstram abertamente sua orientação no ambiente acadêmico.....	56
GRÁFICO 18: Frequência com que estudantes LGBT se sentem excluídos (as) /rejeitados (as) no ambiente acadêmico.....	56
GRÁFICO 19: Frequência com que estudantes LGBT se sentem inseguros (as) / constrangidos (as) no ambiente acadêmico.....	57

LISTA DE SIGLAS

ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

COAPE – Coordenação de Assistência e Promoção Estudantil

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FIES – Programa de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior

GEPES – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Superior e Sociedade

GGB – Grupo Gay da Bahia

INCLUIR – Acessibilidade na Educação Superior

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

MARCA – Programa de Mobilidade Acadêmica Regional em Cursos Acreditados

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MIRV – Modalidade de Ingresso por Reserva de Vagas

NEPES – Núcleo de Estudos e Pesquisas na Educação Superior

PET – Programa de Educação Tutorial

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PEC-G – Programas de Estudantes Convênio de Graduação

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PRAPE – Programa de Benefícios da Pró-Reitoria de Assistência e Promoção ao Estudante

PROCAMPO – Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo

PROLIND – Programa de Apoio à Formação Superior de Professores

PROEXT – Programa de Apoio à Extensão Universitária

PNAES – Programa Nacional de Assistência Estudantil

PROMISAES – Programa Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior

PROIES – Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento das Instituições de Ensino Superior

PROUNI – Programa Universidade para Todos

REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

RU – Restaurante Universitário

SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SESU – Secretaria de Educação Superior

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
1.1. Aspectos metodológicos.....	19
1.2. Procedimentos.....	19
1.3. Levantamento e atualização da revisão de literatura.....	21
2. O DEBATE ACERCA DA PERMANÊNCIA NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE SEXUAL.....	22
2.1. Diversidade sexual: concepções e relações.....	24
2.2. LGBT em ambientes educacionais e o histórico de exclusão.....	28
2.3. Políticas públicas e ações para permanência na educação superior e as políticas que contemplam o público LGBT: avanços e recuos.....	35
3. RESULTADO DA PESQUISA.....	42
3.1. Educação do Campo: os sujeitos e local da pesquisa.....	42
3.2. Apresentação e análise dos dados.....	43
3.2.1. Panorama geral do perfil socioeconômico, acadêmico, e de gênero.....	44
3.2.2. Recorte LGBT: elementos que constituem os desafios para permanência.....	55
3.2.3. Entrevista semiestruturada: a relação entre a condição de ser LGBT e as condições de permanência na universidade.....	60
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
5. REFERÊNCIAS.....	70

1. INTRODUÇÃO

Para quem nunca passou por uma situação de vulnerabilidade social, por algum motivo de sorte, a chegada à universidade e à permanência até a conclusão de um curso de graduação pode ser uma tarefa simples. Mas, para quem advém de processos de exclusão social, como é o caso da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, e Transexuais - LGBT¹, por não atenderem aos padrões de uma sociedade heteronormativa², os desafios são muitos, e essa tarefa pode não ser tão simples como se imagina.

O presente trabalho aborda os atuais desafios da permanência de estudantes LGBT na universidade: uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia – Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. O interesse por essa temática parte da curiosidade em saber como estudantes LGBT vem superando os processos de exclusão durante a permanência na universidade, até chegar na conclusão de um curso de graduação, salientando os desafios enfrentados, as motivações, e as superações diante desses processos.

O trabalho fundamenta-se nos estudos desenvolvidos por Bourdieu (1998) sobre sociologia e educação, cujas análises permeiam sobre o poder simbólico, em que, discute os capitais: social, cultural e econômico que segundo ele, refletem nas condições de vida dos indivíduos. E, dialoga com as pesquisas do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Superior e Sociedade (GEPES/NEPES/PIBIC), sob a coordenação da Professora Dr.^a Edineide Jezine, cujos debates realizados pelo grupo versam sobre a problemática do acesso e permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade social no ensino superior a partir dos anos 2000.

As pesquisas realizadas pelo GEPESS e NEPES, a partir do projeto sub 05 - Acesso e permanência na expansão da educação, que integram o estudo de caso da Universidade Federal da Paraíba, revelaram mudanças no perfil dos estudantes que ingressaram no ensino superior por meio das políticas de cotas, uma vez que estas contribuíram consideravelmente para o acesso de sujeitos em situação de vulnerabilidade social nesse nível de ensino. Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), especificamente, os estudos apontaram que a implementação da

¹ LGBT é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, que consistem em diferentes tipos de orientações sexuais. A sigla LGBT também é utilizada como nome de um movimento que luta pelos direitos dos homossexuais e, principalmente, contra a homofobia. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/lgbt/>> Acesso em: 10 de jan. 2017.

² O termo heteronormatividade é composto pelos vocábulos hetero e norma. O termo hetero significa outro, diferente, ou seja, o antônimo de homo, que significa igual. De modo sucinto, ainda seguindo Santos (2007) apud Meyer e Petry (2010), podem os tomar o termo hetero em relação à sexualidade. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/7375/6434>> Acesso em: 18 de abr. 2017.

Modalidade de Ingresso por Reserva de Vagas (MIRV) favoreceu o ingresso de estudantes oriundos de escolas públicas, em que no período entre 2008 a 2012, teve um crescimento significativo, passando de 36%, no ano de 2008, para 53,1%, em 2012. (CASTELO BRANCO; NAKAMURA; 2013).

Atualmente, as pesquisas do grupo/núcleo discutem a permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade social na universidade a partir das aberturas legais no favorecimento do acesso desses sujeitos ao nível superior de ensino. Segundo Jezine (2015) a problemática do acesso e permanência nesse nível de ensino, infere que outros processos de exclusão social são construídos no interior da universidade, apontando a necessidade de buscar novos elementos para a construção de uma análise mais qualitativa dos dados, em que os grupos de pesquisas dispõem, a fim de aprofundar as discussões sobre a categoria permanência na UFPB, para a compreensão desses processos de exclusão.

Este trabalho apoia-se também, em dados estatísticos da Pesquisa Nacional sobre vivências de estudantes LGBT nos Ambientes Educacionais no Brasil, realizada pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT)³ que revelou no ano de 2015, dados relevantes acerca da aversão – discriminação, preconceito, violência física e verbal – contra estudantes LGBT vítimas da exclusão social, sobre tudo, no ambiente escolar. De acordo com a referida Pesquisa, os níveis de agressão chegaram a 58,9%, um total de 1.016 estudantes com idade entre 13 e 21 anos que relataram ter sofrido algum tipo de agressão pela condição se LGBT. Nesse contexto, os/as estudantes tinham duas vezes mais probabilidade de abandonarem à escola por conta dessas agressões (ABGLT, 2015).

Diante do exposto, a escolha do objeto de pesquisa atende sob a justificativa de que a LGBTfobia vem sendo alarmante nos últimos anos, gerando transtornos psíquicos, educacionais, e sociais irreparáveis, tendo a permanência nos espaços educacionais ameaçada (FERREIRA, 2015). Nesse sentido, levanta-se a seguinte problemática: Quais os atuais desafios enfrentados pelos estudantes LGBT em relação a permanência no Curso de Pedagogia - Educação do Campo? Qual a relação entre a condição de ser LGBT com as condições de permanência na universidade? Como se configura a permanência desses estudantes na universidade frente aos processos de exclusão?

³ ABGLT é uma organização brasileira criada em 31 de janeiro de 1995 com o objetivo e a missão de "promover ações que garantam a cidadania e os direitos humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa. Disponível em: <<http://abglbrasil.blogspot.com.br/p/pagina-em-construcao.html>> Acesso em: 10 abr. 2017.

Considerando a problemática levantada, o trabalho tem como principal objetivo, analisar os elementos que constituem os atuais desafios para permanência de estudantes LGBT no curso de Pedagogia – Educação do Campo, considerando, dentro do perfil socioeconômico e de gênero, a orientação sexual como uma variável relevante que ao gerar ao não processos de exclusão pode estar intrínseca às condições de permanência desses estudantes no referido curso.

Os objetivos específicos do trabalho são: Discutir algumas políticas e ações de permanência existentes na universidade, para o reforço da análise sobre a permanência dos estudantes, de modo geral, com vista à conclusão do curso; Traçar o perfil socioeconômico e de gênero dos estudantes do curso, para o recorte LGBT, considerando a orientação sexual como variável relevante na relação com a permanência na universidade; Analisar a relação entre a condição de ser LGBT com as condições de permanência no curso, a partir de relatos dos estudantes, para apreensão dos elementos que configuram os atuais desafios para permanência na universidade.

No tocante a metodologia, adotou-se a investigação qualitativa, de caráter exploratório e analítico, apoiados em dados estatísticos. Dessa forma, o trabalho estrutura-se em três capítulos, a começar por esta introdução, em que, estão inclusos os tópicos: aspectos metodológicos, e procedimentos. Na sequência, os aspectos teóricos, em que, estão incluídos os tópicos: o debate acerca da permanência no contexto da diversidade sexual: concepções e relações; LGBT em ambientes educacionais e o histórico de exclusão; políticas públicas e ações para permanência na educação superior e as políticas que contemplam o público LGBT: avanços e recuos; por último seguem os resultados da pesquisa, onde encontram-se os tópicos: Educação do Campo: os sujeitos e local da pesquisa; e apresentação e análise dos dados. Por fim, seguem as considerações finais.

Assim, torna-se relevante este trabalho para a comunidade acadêmica, pois constitui uma investigação inédita no Curso de Pedagogia – Educação do Campo. Uma análise despretensiosa, não sobre a complexidade das orientações sexuais desses estudantes, mas sobre os desafios por eles enfrentados acerca da permanência no referido curso.

1.1. Aspectos metodológicos

O trabalho considera o método qualitativo com alguns elementos quantitativos, por apoiar-se em dados estatísticos, no sentido de compreender que a relação entre esses elementos não se reduz a um "continuum", ela não pode ser pensada como oposição contraditória, pelo

contrário, é de suma importância que essas relações sejam analisadas em seus aspectos mais aprofundados, em seus significados mais essenciais, (MINAYO; SANCHES, 1993).

A escolha por esse método justifica-se pela possibilidade de uma aproximação mais eficaz à compreensão da complexa realidade sobre o tema aqui investigado. Como ressaltam Minayo e Sanches (1993), o conhecimento científico é sempre uma busca de articulação entre uma teoria e a realidade empírica, o método é o fio condutor para se formular essa articulação.

1.2. Procedimentos

No tocante aos procedimentos, os dados foram obtidos por meio de um questionário *online*, composto por vinte perguntas objetivas e subjetivas do tipo opção única, múltipla escolha, e a escolha de opções de acordo com a metodologia da Escala de Likert⁴.

Esse questionário atende o primeiro objetivo específico desta pesquisa, que é traçar o perfil social, econômico, acadêmico, e de gênero dos estudantes, para posteriormente, obter o recorte social LGBT, para a análise dos elementos que constituem os atuais desafios acerca da permanência no curso de Pedagogia – Educação do Campo, considerando a orientação sexual como uma variável relevante, que ao gerar ao não processos de exclusão, pode estar intrínseca às condições de permanência na universidade.

A aplicação do questionário foi realizada através do formulário do *Google Drive* entre os períodos de 15 de março à 15 de abril. A escolha por esse método de abordagem justifica-se pelo fato de haver questões íntimas relacionadas à sexualidade dos estudantes, por esse motivo não foi aplicado pessoalmente nas turmas, evitando assim possíveis constrangimentos.

Dessa forma, o questionário foi enviado em forma de *link* para os e-mails dos estudantes do curso de Pedagogia - Educação do Campo, do 5º ao 10 (último período) independentemente da sexualidade dos participantes. Para tanto, o coordenador do curso autorizou prontamente o envio aos e-mails através do sistema da própria coordenação. Os respondentes foram informados sobre o sigilo e anonimato na participação da pesquisa, através do termo de consentimento livre e esclarecido, assim não tiveram a obrigação de se identificarem.

⁴ A Escala Likert mede atitudes e comportamentos utilizando opções de resposta que variam de um extremo a outro. Tal escala é útil para situações em que precisamos obter o máximo de detalhes sobre a opinião que expressa o entrevistado diante de uma questão relevante. Neste sentido, as categorias de resposta servem para capturar a intensidade dos sentimentos dos respondentes. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v33s1/a11v33s1.pdf> > Acesso em: 10 de jan. 2017.

Com efeito, foram consultadas algumas produções do projeto sub 05, em que o acesso e a permanência de sujeitos com vulnerabilidade social na educação superior é o foco das discussões realizadas no GEPESS e NEPESS, integrando como estudo de caso a Universidade Federal da Paraíba, (JEZINE; 2015), (NAKAMURA; 2013), (CASTELO BRANCO; 2014). A consulta desse arcabouço teórico contempla o segundo objetivo específico deste trabalho, que é discutir algumas políticas e ações de permanência existentes na universidade, para o reforço da análise sobre a permanência dos estudantes, de modo geral, com vista à conclusão do curso.

E por fim, para atender o terceiro objetivo específico deste estudo, que é analisar a relação entre a condição de ser LGBT com as condições de permanência no curso, a partir de relatos de estudantes, para apreensão dos elementos que configuram os atuais desafios para permanência na universidade, realizou-se uma entrevista semiestruturada com três estudantes LGBT, sendo, uma estudante lésbica e uma estudante bissexual de origem urbana, e um estudante gay oriundo do campo, todos(as) do último período do Curso de Pedagogia - Educação do Campo. Por questões éticas, os nomes dos(as) entrevistados(as) não foram revelados, assim foi utilizado um pseudônimo na referência das respectivas falas. Para nível de comparação, os entrevistados responderam às mesmas perguntas do questionário online e mais quatro perguntas abertas relacionadas a sua trajetória escolar e acadêmica.

Diante da metodologia e procedimentos explanados, o presente trabalho pretende atender o objetivo geral que é a análise dos elementos que constituem os atuais desafios para permanência de estudantes LGBT no Curso de Pedagogia – Educação do Campo.

1.3. Levantamento e atualização da revisão de literatura

Conforme dito anteriormente, o referido trabalho fundamenta-se nos estudos desenvolvidos por Bourdieu (1998) sobre sociologia e educação, cujas análises permeiam sobre o poder simbólico, em que, discute os capitais: social, cultural e econômico. Dessa forma, busca-se uma resposta à problemática aqui levantada, no sentido de saber quais os atuais desafios encontrados pelos estudantes LGBT em relação à permanência no Curso de Pedagogia – Educação do Campo? Para tanto, a pesquisa apoia-se também, em autores que abordam o tema da diversidade sexual e sexualidade, bem como, os processos de exclusão sofridos por esses sujeitos em ambientes escolares, e na sociedade em geral, (SILVA; 2015), (FERREIRA; 2015), (FOUCAUT; 1988), (SCOTT; 1989). Apoia-se também, em dados estatísticos divulgados pela pesquisa da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT, 2015), dentre outras fontes de pesquisas – Ministério da Educação (MEC, 1997); Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2004); e o Grupo Gay da Bahia (GGB) – que revelam um quadro alarmante acerca dos processos de exclusão vivenciados pelos sujeitos LGBT, e de como tais processos têm relação direta com a permanência desses sujeitos no âmbito educacional.

2. O DEBATE ACERCA DA PERMANÊNCIA NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE SEXUAL

A permanência no ensino superior tem sido abordada com relevância em diversos estudos desenvolvidos por pesquisadores que tratam das políticas de educação superior no Brasil, e vem se apresentando como uma nova categoria de análise para o estudo da temática nesse nível de ensino (ARAÚJO, Carla, 2013). Nesse sentido, indagar sobre seu conceito implica em retomar às discussões sobre esses estudos, para apreensão dos aspectos conceituais mais relevantes.

De acordo com Castelo Branco (2017), nas pesquisas realizadas por Zago (2006); Catani; Hey; Gilioli (2006); Felicetti; Morosini (2009) e Castelo Branco; Jezine (2013), foi indetificado que as discussões e os estudos acerca da categoria permanência ainda se encontram em caráter rudimentar, necessitando de novas investigações que ampliem o arcabouço teórico e enriqueçam os elementos, para uma compreensão mais consistente sobre as dimensões que compõem esta categoria.

Diante dessa premissa, Gimenes e Maciel (2016) no artigo intitulado “A categoria permanência na educação superior: o que revelam as pesquisas?” Realizaram um estado da arte com objetivo de identificar o que é pesquisado no Brasil, na área da educação superior sobre a permanência. Para tanto, adotaram uma abordagem qualitativa e quantitativa, tendo como fonte os sites de busca oficiais a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o *Scientific Electronic Library Online* - Scielo e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes.

Para início de conversa, nesse levantamento, são identificados artigos, dissertações e teses que incidem necessariamente sobre acesso, permanência, expansão, assistência estudantil e inclusão. Assim indicamos a dificuldade de classificar os textos exclusivamente sobre permanência, considerando que o mesmo encontra-se associado a estes temas mencionados, entre outros da área. Como é possível perceber, alguns dessas categorias tendem a propiciar certa generalização da pesquisa, enquanto outros favorecem uma maior especificidade nos resultados (GIMENES e MACIEL; 2016; p.2).

Conforme apresentado, os pesquisadores apontaram uma dificuldade em encontrar nas produções científicas a classificação da categoria permanência em sua forma literal da palavra, por isso decidiram tomar como base os temas associados à categoria em questão. Dessa forma, além da permanência, as produções analisadas discorreram sobre o acesso, expansão, assistência estudantil e inclusão.

De acordo com Gimenes e Maciel (2016), no período de 1996 a 2015, 46% das produções de mestrado abordaram a categoria expansão, enquanto que permanência e inclusão social empataram com 20% das produções, e 8% acesso e permanência. Ou seja, os números revelam que as categorias acesso e permanência, quando somadas a categoria “permanência” isoladamente, representam um número inferior. Diante do exposto, percebe-se que a categoria com maior ênfase nas dissertações de mestrado foi a expansão. Dessa forma, a permanência vem sendo discutida de maneira implícita no campo das análises sobre a categoria expansão.

No artigo intitulado “Permanência na educação superior: “um peso, duas medidas””, Carvalho e Jezine (2016) apresentam a discussão sobre os desafios enfrentados pelos alunos no processo de permanência na universidade, levantando uma reflexão sobre a problemática a partir da visão dos estudantes, tomando como base indicadores relevante acerca do perfil dos sujeitos envolvidos nesse processo. Conforme explicam a abaixo,

[...] buscou-se refletir sobre a problemática da permanência na educação superior sob a ótica dos estudantes, que se encontram em condição de vulnerabilidade social. Para a constituição do perfil socioeconômico dos alunos, o qual se toma como base os indicadores de cor, renda e escolaridade dos pais escolher foram aplicados 28 questionários de caráter exploratório no curso noturno de Pedagogia (Área de aprofundamento na Educação do campo), sendo 15 na turma do 4º período e 13 no 5º período. Dentre o perfil formulado foram escolhidos três sujeitos, dos quais apresenta-se a trajetória educacional e seus respectivos desafios no processo de permanência na universidade. Para o reconhecimento das trajetórias educacionais utilizou-se a técnica de entrevista semiestruturada e a análise de conteúdo, considerando a perspectiva de Bardin (1977) em que os entrevistados são eles: Ricardo¹³, residente da cidade de Mari-PB; Carlos, residente da cidade de Bayeux-PB e Larissa, residente da cidade de Mamanguape-PB (CARVALHO e JEZINE; 2016; p.6).

Dessa forma, as análises consideram o perfil socioeconômico dos estudantes na relação com a permanência no Curso de Pedagogia – educação do campo, como fator relevante para manutenção da mesma até a conclusão do curso. No entanto, o artigo demanda novas investigações acerca de concepções claras sobre a categoria permanência. Dessa forma, foca-se apenas na compreensão sobre as multifaces da problemática da categoria em questão. Assim, as autoras concluem que,

[...] as trajetórias de permanência em cursos superiores, no caso – Curso de Licenciatura em Pedagogia/Área de aprofundamento em Educação do Campo são oportunas a compreender as multifaces da problemática da permanência de sujeitos em situação de vulnerabilidade na educação superior, que não estão relacionadas apenas aos aspectos institucionais de implementação das

políticas, mas também aos aspectos subjetivos dos envolvidos, no que diz respeito a condição social, cultural e econômica do sujeito, a relação professor(a)/aluno(a) e as dinâmicas internas à sala de aula PB (CARVALHO e JEZINE; 2016; p.11).

Apesar da ausência de uma análise epistemológica a respeito da categoria permanência, e embora seja perceptível o aproveitamento dos aspectos sociais mais significativos dos sujeitos, os estudos apontam a necessidade de buscar novos elementos para a construção de uma análise mais qualitativa sobre a temática. Com efeito, em diversos estudos, a problemática que implica na conclusão do curso, nos documentos oficiais, é identificada como a manutenção do estudante ao longo do curso, visando à sua conclusão e sucesso escolar (ARAÚJO, 2013).

Nesse sentido, podemos entender que o processo do ingresso na universidade, a garantia de manutenção para permanecer até a conclusão do curso, e como consequência a continuação da carreira acadêmica são elementos que caracterizam a permanência. Dessa forma, umas das aproximações que nos permitem chegar à uma compreensão sobre o conceito da categoria permanência no âmbito do ensino superior, parte da relação que ela tem com as condições prestadas aos estudantes pela instituição de ensino.

2.1. Diversidade sexual: concepções e relações

É considerável a atenção que temáticas relacionadas à diversidade sexual, em específico a orientação sexual, à pluralidade das expressões de gêneros, e das subjetividades têm despertado em estudiosos de diversas áreas do conhecimento, formuladores de políticas públicas para atender novas demandas e necessidades (FERREIRA; 2015). Vale ressaltar que, esta pesquisa não demonstra apego à temática da complexidade da sexualidade humana, mas ressalta a importância do tema e sua ligação com os sujeitos investigados.

Em relação a categoria diversidade sexual, trata-se de um termo que abarca vários aspectos da sexualidade, cujos estudos sobre tal, continuam sendo realizados por vários pesquisadores pelo mundo (SILVA; 2015), (FERREIRA; 2015), (FOUCAUT; 1988), (SCOTT; 1989), (LOURO, 1997). Todavia, teóricos nesse assunto ressaltam que é impossível tratar dessa categoria sem tocar em alguns conceitos básicos que a compõe: sexualidade, sexo, gênero, identidade de gênero e orientação sexual (LOURO, 1997). Por isso, segue uma síntese dos conceitos em questão.

Segundo Bourdieu (1998, p. 123), “a sexualidade, tal como a entendemos, é efetivamente uma invenção histórica, mas que se efetivou progressivamente à medida que se realizava o

processo de diferenciação dos diferentes campos e de suas lógicas específicas”. Nesse sentido, o autor explica que,

É por isso que foi preciso primeiro que o princípio de divisão sexuada (e não sexual), que constituía a oposição fundamental da razão mítica, deixasse de se aplicar a toda a ordem do mundo, tanto física quanto política, e portanto de definir, por exemplo, os fundamentos da cosmologia, como nos pensadores pré-socráticos: a constituição, em domínios separados, das práticas e dos discursos ligados ao sexo é inseparável, de fato, da dissociação progressiva entre a razão mítica, com suas analogias polissêmicas e vagas, e a razão lógica, que, nascida da discussão em um campo escolástico, vem pouco a pouco tomar a própria analogia como objeto (com Aristóteles, sobretudo) (BOURDIEU, 1998, p. 123 - 127).

Do ponto de vista histórico, o sexo enquanto ato, há cinco séculos não era visto com muitas proibições, no entanto, havia certa repressão devido seus tabus, principalmente em relação a homossexualidade, que era considerada como doença. Segundo Foucault (1988), os discursos que envolviam o sexo permeavam-se como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre administração e população.

Dessa forma, o autor afirma que os tabus em torno da sexualidade se tornaram mais evidentes a partir da era vitoriana, quando essas relações de poder se concentraram dentro de ideologias repressivas, tornando o sexo reprimido. Nesse sentido, discutir sobre temáticas complexas inerentes ao ser humano no âmbito escolar é, segundo Silva (2015, p.4) "um romper do silêncio e da omissão que se instalou durante séculos".

Em relação ao conceito de gênero, no que tange a sexualidade humana e sua diversidade, é um termo que envolve certa complexidade e na prática é passível de mudanças. Dentro dele existem os seguintes sub conceitos: “gênero” e “identidade de gênero”. O primeiro diz respeito ao sexo biológico do indivíduo que diferencia o ser masculino do ser feminino. Já o segundo está relacionado com o sentir íntimo do indivíduo, um sentir que vai além das práticas sexuais e do sexo biológico (genitália). Assim, por exemplo, um homem biologicamente do sexo masculino pode sentir-se mulher ao passo que uma mulher biologicamente do sexo feminino pode sentir-se homem.

Conforme explicado acima, no campo da sexualidade a diversidade e biologia do sexo, são vulneráveis às mudanças, visto que, o ser humano está sempre em processo de construção. Sendo assim, essa lógica “binarista” – masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade, dominante/dominado – opõe um conceito a seu par e cria polos em que um é subjugado pelo outro. Dessa forma, classifica, hierarquiza, domina e

exclui (LOURO, 1997). No entanto, “os que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história”, ressalta Joan Scott (1989, p. 71).

O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades. As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos femininos centrava-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico. Segundo esta opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado (SCOTT, 1989, p. 71).

Em “A Dominação Masculina”, Bourdieu (1999) explica a persistência das relações de dominação de gênero a partir do conceito de *habitus*, sistema socialmente constituído de disposições cognitivas e somáticas, modo de ser, estado habitual, especialmente do corpo, sujeito à inércia, ou seja, de resistência física à modificação de seu estado de movimento. Nesse sentido, o autor explica que,

[...] as diferenças de sexo e gênero integram um conjunto de oposições - "um sistema de relações homólogas e interconectadas": sobre/sob, fora/dentro, alto/baixo, aberto/fechado, ativo/passivo, vazio/cheio, úmido/seco, branco/negro, dia/noite, sol/lua, céu/terra, direito/esquerdo, masculino/feminino (BORDIEU, 1998, p. 22 - 19).

No tocante a compreensão acerca do conceito de orientação sexual, que é o aspecto fundamental para análise do perfil dos sujeitos investigados nesta pesquisa, entende-se que:

O segundo aspecto da sexualidade humana é a orientação sexual. Ela diz respeito à atração que se sente por outros indivíduos. Ela geralmente também envolve questões sentimentais, e não somente sexuais. Assim, se a pessoa gosta de indivíduos do sexo oposto, falamos que ela é heterossexual (ou heteroafetiva). Se a atração é por aqueles do mesmo sexo, sua orientação é homossexual (ou homoafetiva). Há também aqueles que se interessam por ambos: os bissexuais (ou biafetivos). Pessoas do gênero masculino com orientação homossexual geralmente são chamados de gays; e as do gênero feminino, lésbicas (ARAGUAIA, 2017, p. 1).

Conforme citado acima, este é o segundo aspecto da sexualidade humana, e tem a ver com a atração que um indivíduo sente por outros indivíduos. Dessa forma, a autora deixa claro que a sexualidade humana se insere em um cenário de complexidade, geradora de muitas polêmicas, tabus e controvérsias, que chegam a gerar conflitos, porque envolve questões

afetivas, e comportamentos diferenciados, na maioria das vezes estranho à heteronormatividade⁵.

Em outras palavras, orientação sexual é um conceito que engloba e reconhece como legítimo um diversificado conjunto de manifestações, sentimentos e práticas sociais, sexuais e afetivas (BRASIL, 2007 apud SILVA, 2015). Por existir um forte estereótipo quando associam a homossexualidade com a promiscuidade atualmente se dissemina o uso do termo homoafetividade⁶, na tentativa de ressaltar que esse tipo de relação não é apenas colocado no sentido sexual, mas também no sentido sentimental das relações humanas.

De acordo com Silva (2015) além das heterossexualidades (atração pelo sexo oposto) e homossexualidades (atração pelo mesmo sexo) existem outras possibilidades sexuais como por exemplo as bissexualidades (onde o sujeito tem desejo por ambos os sexos). Essas orientações sexuais devem ser tratadas todas no plural, pois são inúmeras e dinâmicas suas formas de expressão e representação.

Por fim, o conceito de diversidade sexual, trata-se de um “termo utilizado para compreender as extensas possibilidades de relações e identificações sexuais que cada indivíduo possui” (SILVA; BALBINO, 2015; p. 2). Ou seja, é o conceito utilizado para demonstrar que não existe apenas um único tipo de sexualidade, como é convencionalmente empregado pela sociedade heteronormativa, mas sim várias sexualidades e nelas infinitas possibilidades de apreciação.

Como em qualquer ambiente educacional, há no Curso de Pedagogia – Educação do Campo, sujeitos dotados de desejos, vontades, e curiosidades. Nesse sentido, a análise da categoria permanência na perspectiva da diversidade sexual desenvolve uma problemática pertinente no sentido de saber qual a relação entre a condição de ser LGBT com as condições de permanência na universidade? Dessa forma, ao considerar a orientação sexual como uma variável relevante, que ao gerar ou não, processos de exclusão, pode estar intrínseca às condições de permanência no referido curso.

⁵ A heteronormatividade, desde uma perspectiva que enfatiza o caráter produtivo da linguagem, é problematizada como um padrão de sexualidade que regula o modo como a sociedade ocidental está organizada (PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER., Dagmar Elizabeth Estermann, 2011, p. 1). Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/7375/6434>> Acesso em 03 de abr. de 2017.

⁶ Homoafetividade é a relação afetiva entre pessoas do mesmo sexo, que desejam o reconhecimento de seus direitos pela formação da parceria através de lei, seguindo os bons costumes. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/homoafetividade/>> Acesso em 03 de abr. de 2017.

2.2. LGBT em ambientes educacionais e o histórico de exclusão

As análises acerca dos desafios diários enfrentados durante a permanência em um curso de graduação como Pedagogia, considerando o contexto de exclusão vivenciado pelos sujeitos LGBT faz-se necessário, pois como apontam Bourdieu (1998), a educação formal aprofunda e legitima a marginalização dos grupos culturais periféricos, enquanto privilegia sujeitos que já dispõem dos capitais que lhes assegurarão a manutenção de posições sociais privilegiadas.

De modo geral, boa parte dos ambientes educacionais ainda não estão preparados para lidar com as diferentes formas e expressões que a sexualidade assume (FERREIRA, 2015). Muitas vezes, o preconceito e a discriminação são reproduzidos nesse ambiente de maneira silenciosa e até mesmo explicitamente, fazendo com que a permanência de pessoas LGBT se torne um verdadeiro ato de resistência. Nesse sentido, as pesquisas constataam que a aversão – LGBTofobia, violência verbal e física, preconceito, discriminação – a esse público é um problema constante que ainda não foi superado (MEC, 1997); (UNESCO, 2004); (ABGLT, 2015); (GGB⁷).

Em 1997, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) implantou uma variedade de temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Dentre esses cabe a pertinência em destacar a Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, em que, traçam alguns objetivos como: o respeito a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade; a compreensão sobre a busca de prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana; a identificação no repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios; o reconhecimento como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas, etc. (PCN – Orientação Sexual, 1997).

Apesar da pertinência, os objetivos ainda são insuficientes no que cerne a preparação do corpo docente⁸ ao lidar com a questão da orientação sexual em sala de aula. Pois como frisa Souza (2013, p. 38), “comumente os temas relacionados ao sexo e à sexualidade são circunscritos à disciplina de Biologia”, o que revela uma precariedade na educação no tocante a abordagem da temática na perspectiva da transversalidade como propõe o PCN.

⁷ Grupo Gay da Bahia, busca a consciência política e direitos humanos para a população. Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/>> Acesso em: 02 de jun, 2017.

⁸ Um exemplo do que vem acontecendo nas escolas pode ser encontrado no caso de um aluno do rio Grande do Sul. Esse aluno sofreu agressão na saída da escola por ser gay e professores teriam ignorado o bullying. (MARTINS, 2012 apud SOUZA, 2013, p. 38).

A escola, como qualquer outra organização, também pode promover violências, ou se omitir diante delas, comprometendo a trajetória escolar e profissional, colocando em risco, por vezes e até para sempre, a vida daquelas cujas orientações sexuais fogem à norma. A escola muitas vezes se silencia frente às várias práticas de bullying homofóbico, as quais podem causar danos físicos, morais e psicológicos (SOUZA, 2013, p. 40).

Sobre essa realidade, a pesquisa realizada pela UNESCO em 2004, envolvendo mais de 24 mil respondentes, revelou que 39,6% dos estudantes masculinos não gostariam de ter em sala de aula um colega homossexual, 35,2% dos pais e mães não gostariam que seus filhos tivessem um colega de classe homossexual, e 60% dos docentes afirmaram não estar suficientemente preparados para abordar a questão da homossexualidade na sala de aula. (ABRAMOVAY, et al, 2004).

Em 2009 foi publicado mais um estudo sobre preconceito e discriminação no ambiente escolar, teve o patrocínio do Ministério da Saúde, o mesmo foi baseado em uma amostra de 18.500 estudantes, pais e mães, professores/as e outros/as profissionais da educação, revelou que 87,3% dos entrevistados tinham atitudes preconceituosas e 26,1% tinham atitudes discriminatórias em relação a orientações sexuais diferentes da heterossexual. (MAZZON, 2009; apud ABGLT, 2016).

Por meio das 1016 respostas efetuadas no questionário disponibilizado online, o relatório retrata níveis elevados e alarmantes de agressões verbais e físicas, além de violência física; ao mesmo tempo expõe níveis baixos de respostas nas famílias e nas instituições educacionais que fazem com que tais ambientes deixem de ser seguros para muitos estudantes LGBT, resultando em baixo desempenho, faltas e desistências, além de depressão e o sentimento de não pertencer a estas instituições por vezes hostis (ABGLT, 2015, p.13).

O referido estudo foi realizado em um momento oportuno para esta investigação acerca da permanência na universidade, pois traz dados das vivências concretas de estudantes LGBT nas instituições educacionais pelo Brasil, mediadas por contra-argumentos às concepções dos movimentos conservadores que se opõe à prática de ensino e aprendizagem nos ambientes escolares no tocante ao respeito e reconhecimento da diversidade sexual e da igualdade de gênero.

Recentemente, mais precisamente em 2015, um grande estudo foi realizado no Brasil pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) sobre estudantes LGBT e o ambiente escolar, publicado em 2016, a pesquisa revelou que 73% dos jovens identificados como LGBT sofreram agressão verbal na escola por causa da sua

orientação sexual. Este é o maior índice entre outros cinco países da América Latina⁹, onde a mesma pesquisa foi realizada (ABGLT, 2015).

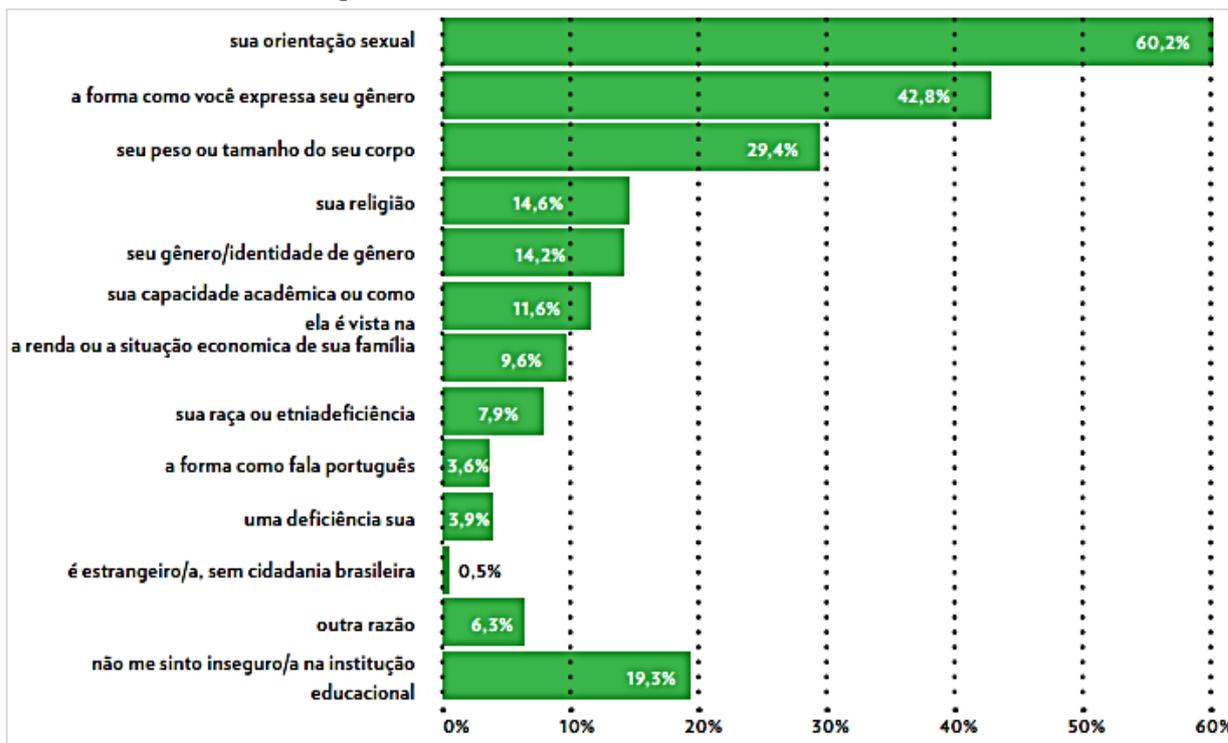
A pesquisa da ABGLT trouxe alguns dados importantes acerca da insegurança de estudantes LGBT sobre como eles se sentem diante das opressões sofridas no ambiente escolar. Sobre essa insegurança, a mesma pesquisa inclui alguns relatos de estudantes LGBT que ilustra bem essa realidade. Como por exemplo o caso a seguir:

Me descobri no primeiro semestre como lésbica, e poucos meses depois como homem trans, e tive minha perspectiva de vida completamente alterada. [...] passei a receber olhares de ódio na rua. Eu, um jovem de classe média alta, branco, morando em um bairro rico, levei um choque de realidade ao perceber que eu tinha muitos privilégios [...]. Esse ano, tudo mudou para mim, eu tenho medo de andar na rua sozinho, eu tenho medo de me assumir para meus pais, eu tenho medo de nunca ser capaz de concluir minha transição, de não ser aceito no mercado de trabalho. Eu tenho medo de tudo e de todos. (Depoimento de estudante trans, 16 anos, estado de São Paulo). (AGLBT', 2016, p. 28).

A pesquisa da ABGLT perguntou também, se os/as estudantes em algum momento no último ano letivo (2015) se sentiram inseguros dentro do ambiente escolar por causa de alguma característica pessoal, incluindo: orientação sexual, gênero, identidade / expressão de gênero. ou seja, em termos tradicionais, até que ponto a aparência ou os comportamentos correspondiam a noções tradicionais do “masculino” ou do “feminino”), bem como o tamanho ou o peso corporal.

⁹ Para fins de comparação, a pesquisa também foi realizada concomitantemente em outros cinco países latino-americanos além do Brasil: Uruguai, Argentina, Chile, Peru, Colômbia, sendo que em 2016 também deverá ser realizado no México (ABGLT, 2015, p.13). Disponível em: <<http://www.abgl.org.br/docs/IAE-Brasil.pdf>> Acesso em: 13 de abri. De 2017.

FIGURA 01: Percentual de estudantes que se sentem inseguros/as nas instituições educacionais por causa de uma característica pessoal



FONTE: Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT. (2016, p.25). Disponível em: <<http://www.abgl.org.br/docs/IAE-Brasil.pdf>> Acesso em: 03 de abr. de 2017.

Sobre essa questão, os dados revelaram que 60,2% dos estudantes LGBT afirmaram se sentir inseguros/as dentro da escola por causa de sua orientação sexual. Conforme ilustrado na figura a cima.

De acordo com Junqueira (2009), a escola configura-se como um lugar de opressão, discriminação e preconceitos no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos/as LGBT. E mais, isso se faz com a participação ou com a omissão da família, da comunidade escolar, da sociedade e do Estado (apud SOUZA, 2013, p. 84).

Outro dado interessante foram as características dos participantes da referida pesquisa quanto a variável cor/raça/etnia. Foi identificado que a maioria, 59,3%, se identifica como brancos, seguido de 17,7% que se autodeclararam negros. Revelando uma diversidade significativa nos ambientes educacionais, como ilustra a figura a seguir:

FIGURA 02: Características dos/das participantes da pesquisa da ABGLT

Raça/cor ou etnia (n = 1007)	
Branca	59,3%
Afro-brasileira ou Negra	17,7%
Multirracial	14,6%
• Parda, Mestiço ou Moreno	5,3%
• Afro-brasileira ou Negra e Indígena do Brasil	2,1%
• Branca e Afro-brasileira/Negra	1,1%
• Afro-brasileira e Negra e Indígena do Brasil	1,8%
• Outro Multirracial	4,4%
Indígena do Brasil	4,5%
Hispânica	1,9%
Outra Raça ou Etnia	2,1%

FONTE: Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT. (2016, p.28). Disponível em: <<http://www.abgl.org.br/docs/IAE-Brasil.pdf>> Acesso em: 03 de abr. de 2017.

Tanto os dados quanto os relatos mostram que a hostilidade para com o público LGBT acontece independentemente da cor/raça/etnia, ou classe social. Essa aversão é um problema de ordem histórica, social e política que o padrão heteronormativo estabelece, mas não reconhece como tal. Essa aversão é conhecida nos termos científicos como “homofobia”, segundo Segundo Borrillo (2010) apud Moreira (2011) a homofobia se configura como um elemento constitutivo da dominação masculina. Nesse sentido é encarada de forma repulsiva, estabelecendo uma barreira quando dois homens têm de manter uma relação mais íntima, por conta disso acaba por formar um sentimento homofóbico.

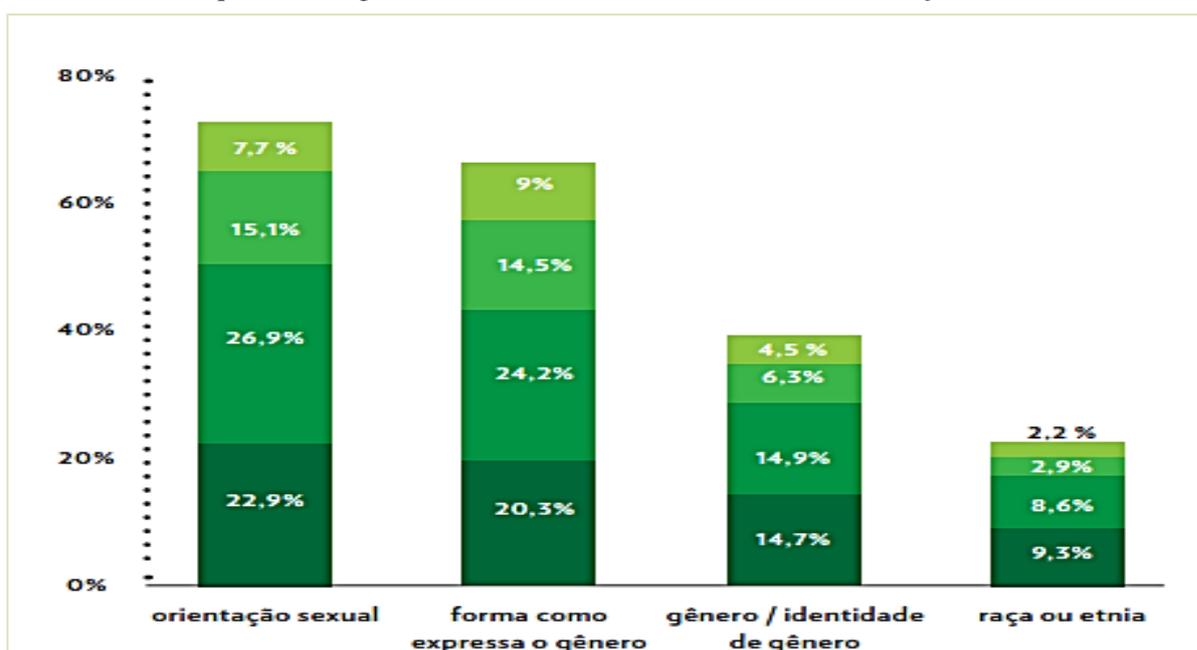
[...] pelo simples medo de se relacionar mais intimamente com algum amigo do sexo masculino, mesmo que esse contato íntimo não tenha nada de afetivo ou sexual no meio, Borrillo (2010) fala ainda sobre o termo homofobia, que ao seguir a origem da palavra estaria errada por demonstra medo de iguais (homo = iguais e fobos = medo), o termo cunhado por Morin e Garfinkle (1978) seria mais adequando quando fala sobre o heterossexismo, que seria um sexismo, mas que colocaria a heterossexualidade como a forma de sexualidade correta e mais aceita pela sociedade (BORRILLO, 2010 apud MOREIRA, 2010; p.3).

Segundo Bourdieu (1998) a questão da “dominação masculina” parte da perspectiva do poder simbólico, em que, se configura como uma forma particular de violência, impondo assim, suas significações como sendo legítimas, dissimulando as relações de força que a sustenta.

Nesse sentido, o autor denuncia um modo de pensar pautado em dicotomias e oposições, como masculino/feminino, gordo/magro, alto/baixo, rico/pobre, claro/escuro, etc.

O estudo da ABGLT também realizou questionamentos acerca da frequência com que estudantes LGBT sofreram agressões verbais, direta ou indiretamente no ambiente educacional, especificamente por causa de características pessoais: orientação sexual, identidade de gênero, identidade/expressão de gênero e raça/etnia.

FIGURA 03: Frequência da agressão verbal durante o ano de 2015 na instituição educacional



FONTE: Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT. (2016, p.39). Disponível em: <<http://www.abglt.org.br/docs/IAE-Brasil.pdf>> Acesso em: 03 de abr. de 2017.

Ainda de acordo com a pesquisa da ABGLT, a grande maioria dos LGBT, 84,4% relatou ter sofrido violência verbal em algum momento no ambiente escolar. Essas agressões ocorreram com maior frequência por causa da orientação sexual ou a forma como expressaram o gênero. (ABGLT, 2016), conforme ilustrado anteriormente na figura três.

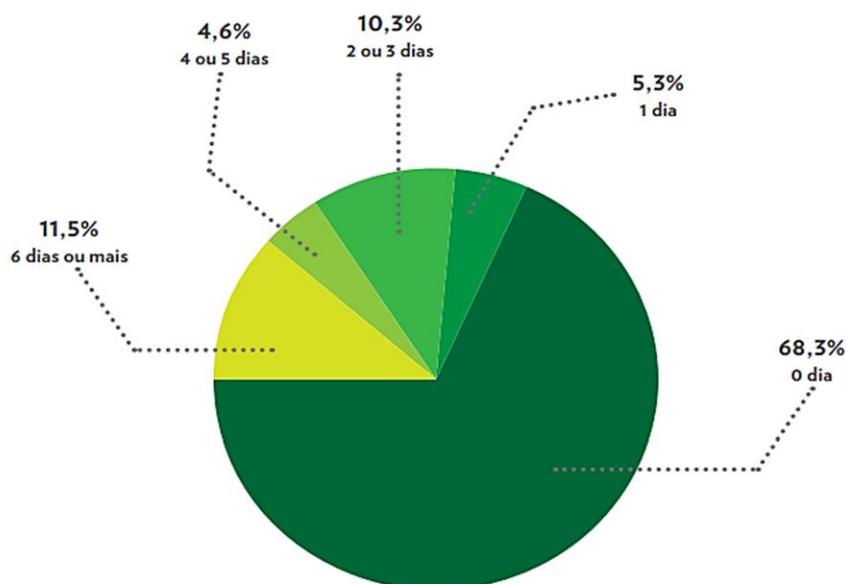
A mesma pesquisa traz também, alguns dados sobre a evasão escolar no ambiente educacional, em que, revelou-se que os/as estudantes tinham duas vezes mais probabilidade de ter faltado à escola no último mês se sofreram níveis mais elevados de agressão relacionada à sua orientação sexual.

Os/as estudantes tinham duas vezes mais probabilidade de ter faltado à escola no último mês se sofreram níveis mais elevados de agressão relacionada à sua orientação sexual (58,9% comparados com 23,7% entre os/as que sofreram menos agressão) ou expressão de gênero (51,9% comparados com 25,5%).

[...]. Os/as estudantes LGBT que vivenciaram níveis mais elevados de agressão verbal por causa da orientação sexual ou expressão de gênero (frequentemente ou quase sempre) tinham 1,5 vezes mais probabilidade de relatar níveis mais elevados de depressão (73,7% comparados com 43,6% [que sofreram menos agressão] no caso da orientação sexual; 67,0% comparados com 45,3% no caso da identidade/expressão de gênero), [...] (ABGLT', 2016, p. 19).

Percebe-se que qualquer tipo de agressão sofrida no ambiente escolar, seja de ordem física ou verbal, é motivo suficiente para que a vítima se sinta excluída dentro desse ambiente e por vezes acaba abandonando os estudos. Com efeito, o indivíduo que não se encaixa nos padrões heteronormativos, como é o caso dos LGBT, expressa seu sentimento de, e o nível de pertencimento à instituição educacional vai perdendo espaço para a exclusão.

FIGURA 04: Número de dias que estudantes LGBT não foram à instituição educacional no último mês, porque se sentiam inseguros/as ou constrangidos/as



FONTE: Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT. (2016, p.39). Disponível em: <<http://www.abgl.org.br/docs/IAE-Brasil.pdf>> Acesso em: 03 de abr. de 2017.

Em relação a questão da insegurança e constrangimentos sofridos por estudantes LGBT nos ambientes educacionais pelo Brasil, a pesquisa da ABGLT revelou que 31,7% dos respondentes afirmaram ter faltado na instituição educacional pelo menos um dia no último mês do ano de 2015, justamente por se sentirem inseguros e ter sofrido algum tipo de agressão nesses ambientes. Conforme ilustrado na figura quatro.

De acordo com os relatórios anuais divulgados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB, 2017), em 2012 foram registrados 310 homicídios de pessoas LGBT, em 2013 foram contabilizados 312 homicídios, já em 2014 registrou-se 326 homicídios, 2015 foram 318 assassinatos contra esse público, e em 2016 registrou-se um recorde de homicídios, cerca de 343 LGBTs mortos no Brasil pelo simples fato de serem o que são. Foi um total de 1.609 assassinados nos últimos 5 anos. Esses dados constata o fato de que “o Brasil é o país que mais mata LGBT no mundo”, isto é o que ecoa nas mais diversas mídias pelo país no tocante a homofobia velada contra essa população.

Diante do exposto, os dados de todas essas pesquisas – MEC (1997); UNESCO (2004); ABGLT (2015); e GGB¹⁰ (2012-2016) – revelam que a LGBTfomofobia vem sendo alarmante nos últimos anos, gerando transtornos psíquicos, educacionais, e sociais irreparáveis às pessoas LGBT, tendo a permanência nos espaços educacionais ameaçada pela mesma instituição, em que, além de não oferecer condições favoráveis, ainda contribui com a reprodução desse problema (FERREIRA, 2015, p.13). Dessa forma, este trabalho reforça a problemática levantada, no sentido de saber quais os atuais desafios enfrentados por estudantes LGBT para a permanência na universidade? Assim, o presente estudo considera todo processo de exclusão que esses sujeitos enfrentam diariamente, pelo simples fato de serem o que são.

2.3. Políticas públicas e ações para permanência na educação superior e as políticas que contemplam o público LGBT: avanços e recuos

No tocante às políticas públicas e ações que possam favorecer a permanência dos sujeitos com histórico de vulnerabilidade social, espera-se que sejam pautadas dentro do contexto da inclusão desses sujeitos. Pois, como ressaltam Barretta e Canan (2012) isso é de fundamental importância para identificar os avanços e recuos presentes no sistema educativo. Dessa forma, subtende-se que toda política pública deve ser pensada e estruturada com objetivos baseados no contexto da inclusão. Considerando essa premissa, Hofling (2001) explica que:

Políticas públicas são aqui entendidas como o “Estado em ação” (Gobert, Muller, 1987); é o Estado implantando um projeto de governo, através de programas, de ações voltadas para setores específicos da sociedade. Estado não pode ser reduzido à burocracia pública, aos organismos estatais que conceberiam e implementariam as políticas públicas. As políticas públicas são

¹⁰ Grupo Gay da Bahia, busca a consciência política e direitos humanos para a população. Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/>> Acesso em: 02 de jun, 2017.

aqui compreendidas como as de responsabilidade do Estado – quanto à implementação e manutenção a partir de um processo de tomada de decisões que envolve órgãos públicos e diferentes organismos e agentes da sociedade relacionados à política implementada (HOFLING; 2001; p.2).

Neste sentido, não se pode reduzir as políticas públicas como sendo apenas políticas estatais. Assim, podemos compreender a educação como uma política pública de corte social, de responsabilidade do Estado, mas que não pode ser pensada apenas por seus organismos.

É notório que o termo “política pública” apresenta outras definições, sobretudo no âmbito educacional. Segundo Muller e Surel (2002 apud ARRUDA, Ana, 2011) as definições vão desde a qualificação mínima, “tudo o que o governo decide fazer ou não fazer”, até as mais completas quando se apresenta como um programa de ação governamental num setor da sociedade ou mesmo num espaço geográfico. Neste sentido, torna-se pertinente fazermos menção aos seguintes documentos divulgados pelo Ministério da Educação, que tratam sobre a questão, a saber:

Reforma da Educação Superior: Reafirmando Princípios e Consolidando Diretrizes da Reforma da Educação Superior (BRASIL, 2004); Programa Universidade: Expandir até ficar do tamanho do Brasil e o Decreto n.º 5.800/20 06, que criou o Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). (ARRUDA, Ana, 2011; s/p)

Assim, podemos compreender que política pública se configura como um conjunto de medidas a serem consolidadas, com objetivos concretos de intervenção sobre a realidade, e também um trabalho de análise e reconstrução dos objetivos da ação pública. Nessa perspectiva, reforça-se a problemática deste trabalho, no sentido de saber quais as políticas e ações que contemplam o público LGBT e como isso reflete nas condições de permanência no ensino superior?

Para responder essa questão, torna-se oportuno destacar o Programa “Brasil sem Homofobia” criado pelo Governo Federal (2004), em que, tem como um dos principais objetivos a educação e a mudança de comportamento dos gestores públicos, buscando a atitude positiva de não permitir nenhum ato de discriminação às pessoas LGBT, e aderindo a luta contra violência à essa população.

A expectativa é que essa integração interministerial, em parceria com o movimento homossexual, prospere e avance na implementação de novos parâmetros para definição de políticas públicas, incorporando de maneira ampla e digna milhões de brasileiros. As políticas públicas traduzidas no

Programa serão exitosas porque é uma decisão de todos, elaboradas pelo consenso. Entretanto, a participação de cada um de nós como cidadão é importante para a consolidação dos direitos humanos como direito de todos (MIRANDA, Nilmário; Secretário Especial dos Direitos Humanos; 2004; p.7)

O referido Programa é uma das bases fundamentais para ampliação e fortalecimento do exercício da cidadania no Brasil. Um verdadeiro marco histórico na luta pelo direito à dignidade e pelo respeito à diferença. Nesse sentido, vem consolidando muitos avanços nas esferas políticas, sociais e legais tão duramente conquistados (MIRANDA, 2004).

No entanto, essa iniciativa do Governo Federal não surge de maneira espontânea, nem involuntária, e tampouco é vista como uma necessidade na visão de quem não se encaixa na parcela entre os menos favorecidos. Como bem ressaltado anteriormente, isso é apenas resultado de muita luta e resistência dos movimentos sociais de gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis e afins, que através de seus organismos de liderança vem conquistando duramente um espaço de direito na sociedade. Ainda há muito a ser feito.

Uma outra iniciativa a ser considerada, versa sobre o caso específico da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em 2015 a Instituição lançou a Política LGBT da Universidade, com o objetivo de favorecer o acolhimento, a inserção e a permanência da comunidade LGBT da referida Universidade. De acordo com as informações do site da Instituição, o lançamento faz parte das ações da “Semana do Amor Igual”, organizada pelo Ministério Público de Pernambuco, o Movimento Mães pela igualdade, o Humanitas-Unicap, o Instituto José Ricardo e a própria UFPE.

Com essa iniciativa, a UFPE passa a contar, de forma pioneira entre as instituições de ensino superior brasileiras, de uma série de ações voltadas para sua população de LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

A Política LGBT da UFPE vai promover ações afirmativas, com o objetivo de minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais, reduzir as taxas de retenção e evasão escolar das pessoas travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais, bem como promover a inclusão social pela educação. Também vai promover ações preventivas, protetivas, direcionadas à saúde da população LGBT e voltadas para a pesquisa LGBT. (UFPE, 2015; p.1).

Ainda de acordo com o site da Instituição (2015), dentre as ações da Política LGBT da UFPE, destacam-se: ações afirmativas, como o Projeto "Vai ter trans na UFPE, sim!", que tem como objetivo reduzir as taxas de retenção e evasão escolar das pessoas trans, e garantir a prioridade no acesso à bolsa de manutenção dessa população; ações preventivas, como o Lançamento da campanha de sensibilização da comunidade da UFPE em relação ao uso do

nome social e ao uso do banheiro pelas pessoas trans; ações protetivas; ações direcionadas à saúde da população LGBT; e ações voltadas para pesquisa LGBT, como a elaboração de editais de fomento à pesquisa relacionados à problemática LGBT, a criação do prêmio "A diversidade na UFPE" para estimular e fortalecer as pesquisas sobre esta temática, e a realização de seminários e congressos voltados às temáticas LGBT, etc.

[...] “A universidade, como uma instituição pública pertencente à sociedade, forma pessoas com uma visão ética, uma visão de cidadania, e que possam reagir a quaisquer tipos de violência ou de assédio às opções de gênero a que qualquer um tem naturalmente direito”, disse o reitor Anísio Brasileiro durante o evento de lançamento. [...] O lançamento da Política LGBT da Universidade Federal de Pernambuco teve ainda a participação do promotor do Ministério Público de Pernambuco Maxwell Vignole “Nós precisamos não só do anteparo da academia, mas dessa luz, dessa informação que a parte científica e técnica pode nos dar para que nós, técnicos e aplicadores do direito, possamos conseguir, efetivamente, uma mudança [...] (UFPE, 2015; p.1).

Uma política como essa se revela muito importante, principalmente por garantir o acolhimento a um público que é historicamente marginalizado pelo simples fato de serem o que são. O público LGBT sempre esteve à margem da sociedade, por isso, tal política se faz necessária para a afirmação desse público dentro de dimensões preventivas, na área de proteção dessas pessoas.

No tocante as políticas de permanência da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – local onde este trabalho foi desenvolvido – os pesquisadores, Castelo Branco; Jezine & Nakamura (2014) destacam a Portaria nº 02/2012, que “dispõe sobre a Regulamentação do Programa de Benefícios da Pró-Reitoria de Assistência e Promoção ao Estudante (PRAPE)”. De acordo com os pesquisadores,

O Programa de Benefícios “é o conjunto de ações estabelecidas pela Política de Assistência Estudantil tratada no Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, regulamentado pelo Decreto 7.234/2010”. Segundo o Art 2º, o Programa é composto por Restaurante Universitário; Auxílio manutenção; Mobilidade Estudantil Nacional e Internacional, dependendo, porém, no art. 13, da disponibilidade orçamentário-financeira da UFPB, o que tem dificultado a sua implantação efetiva (CASTELO BRANCO; JEZINE & NAKAMURA; 2014; p,10).

Lançar um olhar para as ações que contemplam o público LGBT promovidas pela universidade requer uma atenção para a diversidade de elementos que se encontram presentes na mesma, entendendo a complexidade que perpassa o trabalho desenvolvido pela referida instituição. Nesse sentido, as políticas públicas precisam ir além de apenas garantir o acesso a

esse nível de ensino, precisam garantir manutenção durante a permanência na instituição com vista a conclusão do curso e como conseguinte, o sucesso acadêmico.

Ainda sobre as ações que a UFPB dispõe, destacam-se:

QUADRO 01: Políticas e ações que podem favorecer a permanência na UFPB¹¹

SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
Busca pensar políticas destinadas a sujeitos em situação de vulnerabilidade, que estão fora dos sistemas de ensino, e objetiva possibilitar sua inclusão, a partir da garantia do acesso e permanência. Para isso, são desenvolvidos programas como: Programa de Acessibilidade na Educação Superior (Incluir); Programa de Educação Tutorial (PET); Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO); e o Programa de Apoio à Formação Superior de Professores (PROLIND), que atuam em escolas indígenas de educação básica. O objetivo da SECADI é valorizar as diferenças e a diversidade, promovendo a educação inclusiva, garantindo os direitos humanos e a sustentabilidade socioambiental.
SESU - Secretaria de Educação Superior
Trabalha com programas e projetos de acesso e permanência voltados para educação superior, que trazem em sua perspectiva a inclusão social, como: o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI); o Programa de Apoio à Extensão Universitária (PROEXT); o Acessibilidade na Educação Superior (INCLUIR); o Programa Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior (PROMISAES); o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES); o Programa Universidade para Todos (PROUNI); o Programa de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES); o Programas de Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G); o Programa de Mobilidade Acadêmica Regional em Cursos Acreditados (MARCA); o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID); a Lei de Incentivo a Pesquisa.
CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Como agência de fomento, desenvolve programas de cunho acadêmico relacionado à formação inicial de pesquisadores e busca, em ações relacionadas à pesquisa científica e tecnológica, a integração de alunos, destinando bolsas para estudantes que estão associados em ações coordenadas por professores, utilizando como critério de distribuição de bolsas o desempenho acadêmico dos alunos e sua vinculação às Universidades.

FONTE: Disponível em: <<http://www.coipesu.com.br/upload/trabalhos/2015/6/politicas-de-expansao-acesso-e-permanencia-na-ufpb-1996-2012.pdf>> Acesso em: 15 abr. de 2017.

¹¹ Informações retiradas do artigo intitulado “Políticas de Expansão, Acesso e Permanência na UFPB (1996 – 2012)”. Branco; Jezine; Nakamura (2014). Disponível em: <<http://www.coipesu.com.br/upload/trabalhos/2015/6/politicas-de-expansao-acesso-e-permanencia-na-ufpb-1996-2012.pdf>> Acesso em: 15 abr. de 2017.

A assistência estudantil tem papel importante face aos problemas enfrentados pelos estudantes durante toda permanência na graduação. Nesse sentido, surge o seguinte questionamento: será que os alunos se sentem contemplados no tocante a assistência prestada pela universidade na manutenção da sua permanência? Esta é uma questão relevante a ser pensada quando traçado esse olhar sobre essas ações. Para tanto, a Pró-Reitoria de Assistência e Promoção ao Estudante (PRAPE) vem gerenciando os recursos,

[...] do Plano Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, a Pró-Reitoria de Assistência e Promoção ao Estudante – Prape tem a principal função de planejar, coordenar e controlar as atividades de assistência e promoção ao estudante, visando sobretudo à sua permanência nos cursos de graduação presencial da Universidade Federal da Paraíba (PRAPE; 2017; s/p).

Conforme a PRAPE, o acesso aos benefícios que visam a permanência é efeito através de processo seletivo para averiguação da condição de vulnerabilidade socioeconômica. Os processos seletivos acontecem em todos os campi da UFPEB, geralmente nas primeiras semanas de cada período letivo. “Os campi I, II e III têm o calendário letivo sincronizado. Porém, o campus IV (Rio Tinto e Mamanguape) está um semestre atrasado em relação aos demais” (PRAPE; 2017; s/p).

QUADRO 02: Assistência estudantil que pode favorecer a permanência – Políticas de Assistência Estudantil – PRAPE/UFPB – 2012

AUXÍLIO-ALIMENTAÇÃO E AUXÍLIO-ALIMENTAÇÃO FINAL DE SEMANA	Concedido a estudantes classificados como vulneráveis socioeconomicamente para ajudar a custear em sua alimentação nos seguintes casos: aos estudantes da Residência Universitária no Campus I, onde o RU é fechado nos fins de semanas e feriados; aos estudantes que recebem auxílio-moradia no Campus I, onde o RU é fechado nos fins de semanas e feriados; aos estudantes que recebem auxílio-moradia nas Unidades Acadêmicas onde ainda não há RU (Campus IV-Unidade Acadêmica de Mamanguape, Campus I-Unidade Acadêmica de Mangabeira, Campus I-Unid. Acadêmica de Santa Rita)
AUXÍLIO-TRANSPORTE	Concedido a estudantes classificados como vulneráveis socioeconomicamente para ajudar a custear passagens em ônibus urbanos aos estudantes matriculados nas Unidades Acadêmicas de Mangabeira e Santa Rita do Campus I.
AUXÍLIO-CRECHE	Concedido a estudantes classificados como vulneráveis socioeconomicamente para ajudar a custear creche cujo filho esteja na faixa etária entre seis meses a três anos, onze meses e vinte e nove dias.

FONTE: Pró-Reitoria de Assistência e Promoção ao Estudante – PRAPE. Disponível em: <file:///C:/Users/Jailson/Downloads/INFORMA%C3%87%C3%95ES%20SOBRE%20OS%20BENEF%C3%8DCIOS%20DE%20PERMAN%C3%8ANCIA.pdf> Acesso em: 02 de mai. 2017.

Assim, ao tratar sobre a categoria permanência no bojo das políticas e ações que às sustentam, torna-se pertinente utilizar-se dos pressupostos teóricos de Bourdieu, tendo em vista que sua teoria vem contribuindo significativamente na compreensão do debate em torno da permanência, a partir do processo contextual do indivíduo.

Ao compor a Sociologia da Educação a partir relação entre a sociedade e educação, Bourdieu coloca em evidência a complexidade subjetiva que compõe o ser humano, e que fatores externos, de certa forma, transmitem informações que são absorvidas por esses sujeitos, e quando posto no campo social, incorpora-se uma cultura, hábitos que se reproduzem, no que diz respeito ao modo de vida no campo social (BOURDIEU, 1998).

Para Bourdieu (1998), o *habitus* é um produto que advém das relações sociais, em que, assegura a reprodução das mesmas relações objetivas que o conceberam. A interiorização pelos agentes de valores, normas e princípios sociais adequa-se entre as ações do sujeito e a realidade objetiva da sociedade de modo geral. Dessa forma, a ação é conduzida por uma razão prática, que é a lógica do senso prático e objetivo, permitindo ao agente “agir quando necessário” e possibilitando um conhecimento prático do mundo social.

Quando uma instituição de ensino superior pública se preocupa em promover políticas e ações visando a manutenção de seus estudantes até o sucesso acadêmico, ela está contribuindo para que esses estudantes tenham na prática, uma educação mais justa e verdadeiramente inclusiva.

3. RESULTADO DA PESQUISA

Com base nas discussões anteriormente explanadas, este capítulo pretende expor os resultados da pesquisa, realizada através de questionário online e entrevistas semiestruturadas, com os estudantes do Curso Pedagogia – Educação do Campo, do 5º ao 10º período, para tanto estrutura-se da seguinte forma: identificação dos sujeitos e local da pesquisa; e apresentação e análise dos resultados.

3.1. Educação do Campo: identificação dos sujeitos e local da pesquisa

Considerando que esta pesquisa delimita-se sobre os estudantes do Curso de Pedagogia que tem a Educação do Campo como área de aprofundamento, faz-se necessário a exposição dos aspectos teóricos acerca do conceito de “Educação do Campo”, bem como, seus aspectos históricos, para uma melhor compreensão. Dessa forma, pretende-se estabelecer uma relação entre o campo de pesquisa com o debate em torno da diversidade sexual e a permanência dos sujeitos investigados no referido curso.

No artigo intitulado "O campo da educação do campo", Fernandes e Molina (2003) trazem algumas contribuições que auxiliam na compreensão do paradigma da Educação do Campo. Para tanto, apresentam uma reflexão sobre o conceito de paradigma e levantam uma discussão apontando algumas diferenças acerca dos paradigmas da Educação Rural e da Educação do Campo enquanto espaço político, de ação e poder. Conforme explicam os autores:

O campo da Educação do Campo é analisado a partir do conceito de território, aqui definido como espaço político por excelência, campo de ação e de poder, onde se realizam determinadas relações sociais. O conceito de território é fundamental para compreender os enfrentamentos entre a agricultura camponesa e o agronegócio, já que ambos projetam distintos territórios. (FERNANDES; MOLINA, 2003, p. 1)

Educação do Campo é um conceito recente que veio substituir o conceito de “Educação Rural” que por sua vez, era visto como um conceito de educação atrasada. Sobre seu aspecto histórico, Molina e Fernandes (2003) explicam que:

A ideia de Educação do Campo nasceu em julho de 1997, quando da realização do Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária – ENERA, no campus da Universidade de Brasília - UnB, promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, em parceria com a própria UnB, o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, a

Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. (FERNANDES, Bernado, MOLINA, 2003, p. 11)

Por tanto, as experiências dos movimentos sociais, principalmente dos trabalhadores trouxeram uma nova dimensão para a ideia e o conceito de Educação do Campo, estabelecendo uma interação com as outras dimensões da vida do campo.

Com efeito, o curso de Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo na UFPB foi o local onde a pesquisa teve seu desenvolvimento. Composto por uma grade curricular extensa traz como principal objetivo proporcionar a formação de professores de nível superior para atuar em projetos educativos nas áreas rurais em geral e de assentamentos dos movimentos sociais (ROCHA, 2016).

Em relação aos seus objetivos específicos, conforme o Projeto Político Pedagógico (2009) destaca-se: a formação de professores/pesquisadores em Pedagogia para atuar de 1º ao 4º anos da Educação Fundamental, tendo como perspectiva um referencial teórico-metodológico interdisciplinar e investigativo; a qualificação e atuação profissional dos educadores do campo, elevando, assim, o nível de conhecimento dos filhos dos camponeses, bem como dos membros das comunidades e assentamentos rurais; a oferta do curso de Licenciatura em Pedagogia, para educadores das áreas rurais e dos assentamentos da reforma agrária para atender às necessidades de melhoria da educação; o desenvolvimento de uma formação que propicie o exercício de atividades de assessoramento e gestão pedagógica em projetos educativos nas áreas de assentamentos dos movimentos sociais do campo; e por fim, a promoção da integração entre a Universidade Federal da Paraíba com os movimentos sociais do campo, na prática de Educação e Movimentos Sociais, a partir do envolvimento de professores e alunos.

O curso também se encontra nos critérios regulares no âmbito da UFPB, tornando-se viável para qualquer público interessado em cursar.

3.2. Apresentação e análise dos dados

O questionário do presente trabalho foi estruturado e dividido em três partes: I panorama geral do perfil socioeconômico, acadêmico, e de gênero; II Recorte LGBT¹²: elementos que

¹² As questões que compõem o questionário do presente trabalho foram elaboradas com base na pesquisa realizada em 2015 do Relatório da Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT. (2016, p.28).

constituem os desafios para permanência; entrevista semiestruturada: a relação entre a condição de ser LGBT e as condições de permanência na universidade.

A entrevista e o referido questionário foram pensados e estruturados buscando como resultado a apreensão dos elementos que constituem os atuais desafios em torno das condições de ser estudante LGBT com as condições de permanência no curso de Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo.

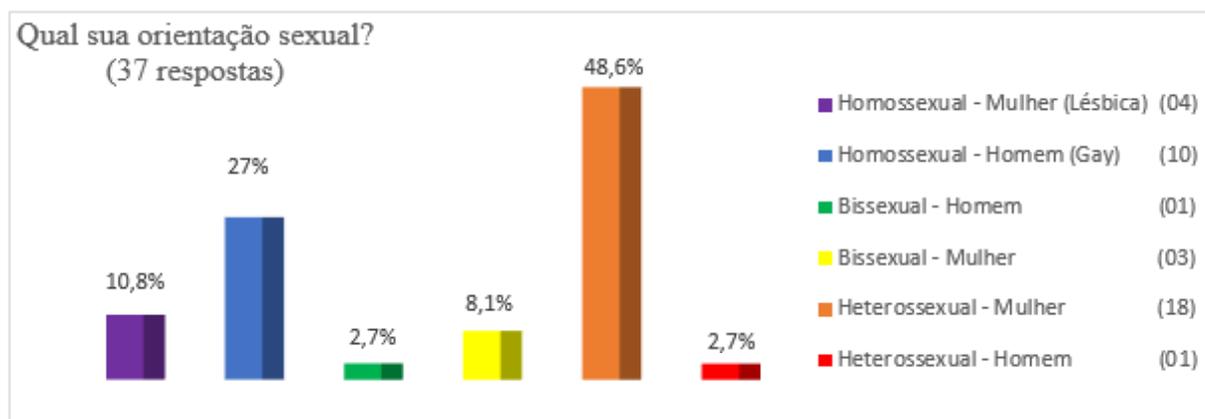
Nesse sentido, busca-se a compreensão das possíveis dificuldades e as superações dos desafios para permanência e conclusão, de ordem social, econômica, pedagógica, cultural, emocional, familiar, estrutural e político dos sujeitos investigados.

3.2.1. Panorama geral do perfil socioeconômico, acadêmico, e de gênero

As questões pessoais, socioeconômicas e acadêmica aqui empregadas contemplam ainda os estudantes em um panorama geral. O recorte sobre o público LGBT foi realizado posteriormente, a partir da segunda parte do questionário, e empregado nas questões subjetivas relacionadas a orientação sexual dos sujeitos.

No Curso de Pedagogia – Educação do campo há matriculados 327 estudantes, segundo informações da Coordenação. Esta pesquisa delimitou-se no recorte a partir do 5º período até o 10º, ou seja, o questionário foi direcionado à metade do curso, que corresponde ao quantitativo de 163 estudantes. Desse quantitativo, 37 responderam o questionário online, sendo 19 héteros (homens e mulheres), e 18 LGBTs (gays, lésbicas, bissexual, trans e afins).

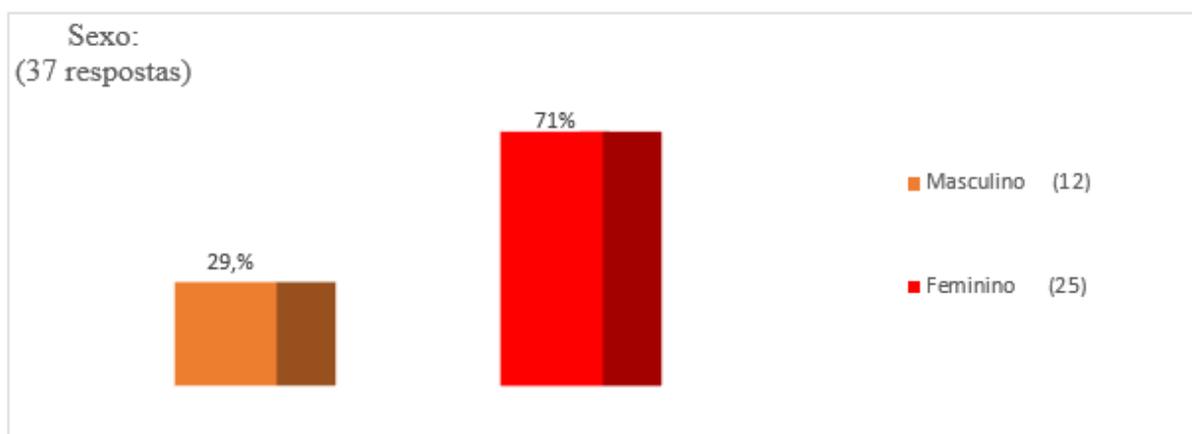
GRÁFICO 01: Orientação sexual dos estudantes



FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

Pelos dados do gráfico a cima, percebe-se que há no Curso uma quantidade significativa de estudantes LGBT, afirmando a diversidade existente quanto comparado a porcentagem de estudantes héteros. No entanto, não foram identificados (as) transexuais, nem travestis, dentre os participantes, o que pode levantar uma nova problemática, no sentido de saber como ocorre a inserção destes sujeitos no ensino superior, haja vista a existência de uma forte evasão por discriminação contra esse público no ensino básico (SILVA, 2012).

GRÁFICO 02: Sexo

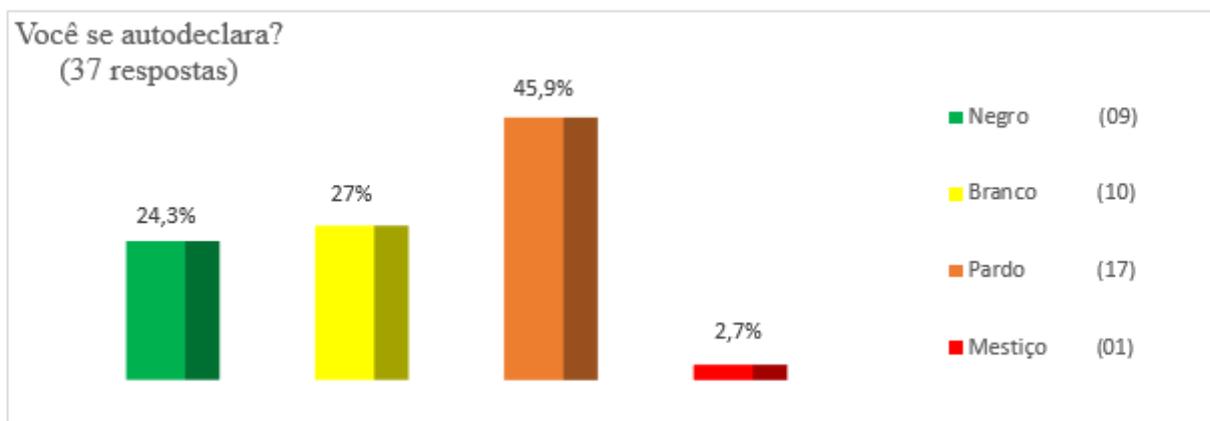


FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

No tocante ao sexo dos respondentes, os dados indicam que a maioria dos estudantes que permanecem no curso são do sexo feminino, percentual de 71%, contra 29% do sexo masculino, conforme ilustrado no gráfico acima. Esses dados reafirmam o fato de que “a profissão docente permitiu às mulheres o acesso a um dos espaços públicos anteriormente frequentado pelos homens” (SILVA, Kelly, 2011, p. 34 - 35).

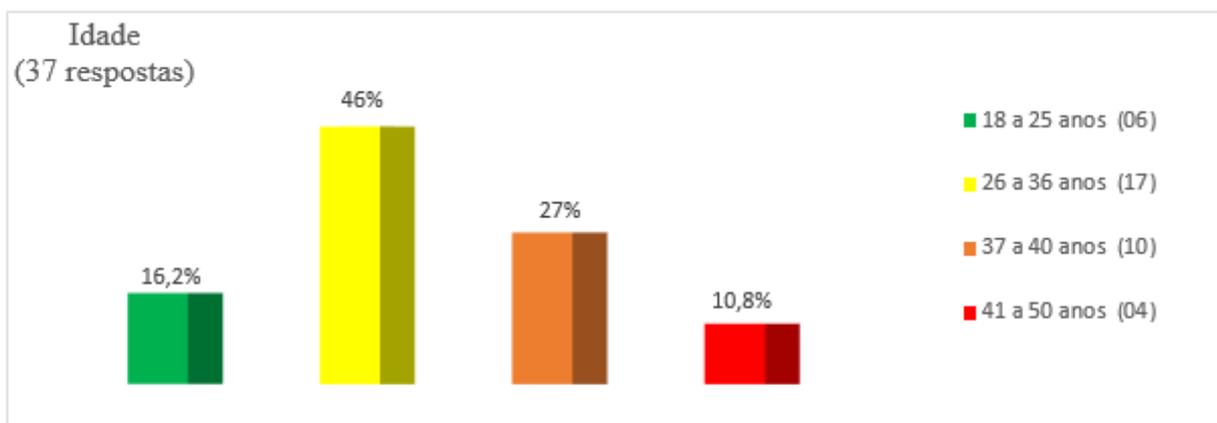
A presença, em si, de mulheres ou de homens exercendo tal profissão diz pouco perto dos símbolos que atravessam essas instituições. Um professor do sexo masculino na educação infantil, por exemplo, poderia muito bem reproduzir as prescrições da feminilidade, praticando o cuidado, a ligação emocional e as relações humanas. Com efeito, esse professor estaria exercendo uma feminilidade, isto é, um conjunto de práticas que, no contexto atual, são associadas ao gênero feminino (SENKEVICS, 2011, p. 1).

Nesse sentido, a profissão docente apresenta-se de modo similar ao trabalho do lar: “o cuidar das crianças”, naturalizado no magistério, especificamente no âmbito das séries iniciais.

GRÁFICO 03: Cor/raça

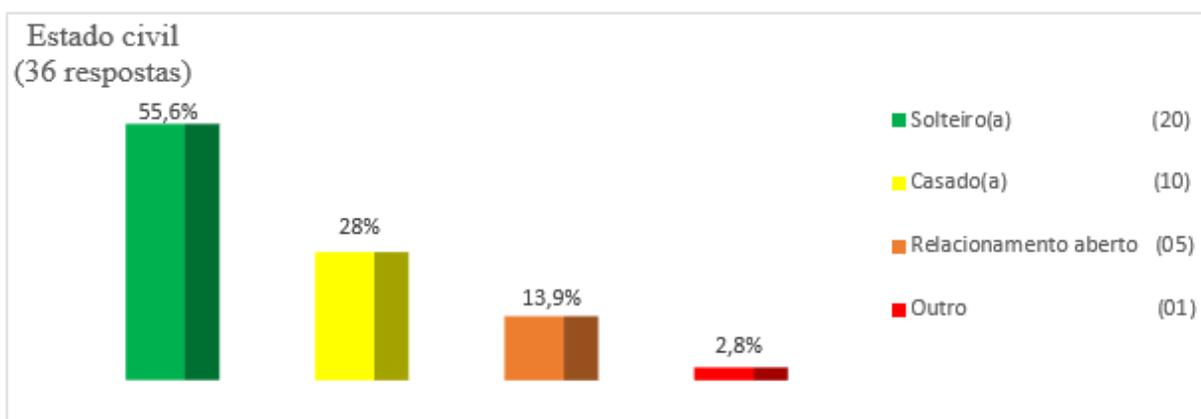
FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

O gráfico a cima mostra que, na relação com o perfil socioeconômico, a maioria que ingressam no curso de Pedagogia – Educação do Campo autodeclararam-se pardos, cerca de 45,9% seguido de brancos, 27%, na sequência, negros 24,3%, por último os mestiços apareceram com 2,7%.

GRÁFICO 04: Idade

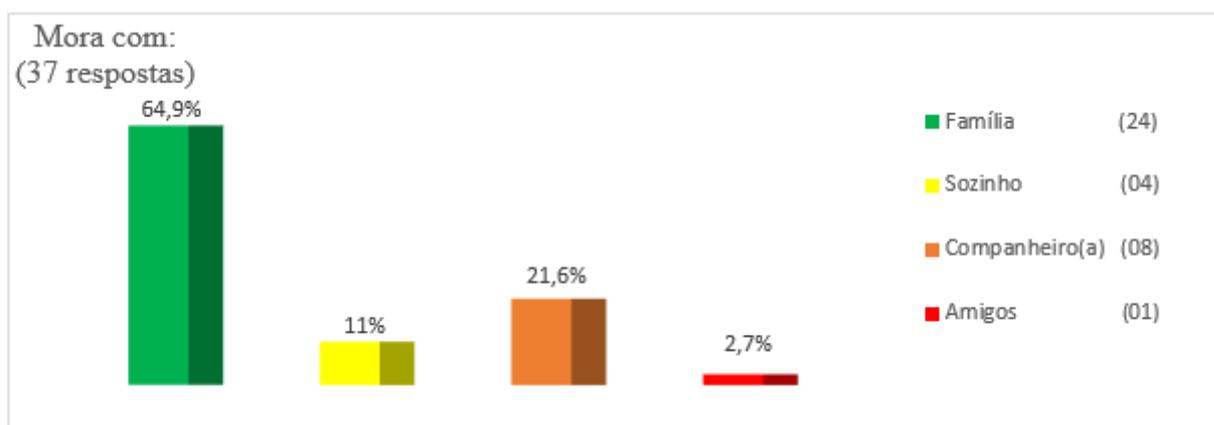
FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

Com relação à faixa etária, o gráfico aponta que a maioria dos estudantes se enquadram na faixa etária entre 26 a 36 anos, cerca de 46%, seguido da faixa etária de 34 a 40 anos, 27%, de 18 a 25, 20,2%, e 10,8% com idade entre 41 a 50 anos. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1986), a idade prevista para ingressar na educação superior é entre 18 a 21 anos de idade. Nesse sentido, o resultado exposto indica que a maioria dos alunos que permanecem no curso não se encontram na idade certa.

GRÁFICO 05: Estado Civil

FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

Em relação ao estado civil dos respondentes, os dados mostram que, a maioria dos alunos que permanecem no curso encontram-se solteiros, com percentual de 55,6%, seguido do percentual dos casados, com 27,8%. Os que vivem em um relacionamento aberto somam-se 13,9%. Em tese, num panorama geral do público, considerando a cor/raça e a faixa etária, uma parte do perfil dos alunos que permanecem no curso, são jovens, pardos, solteiros e do sexo feminino.

GRÁFICO 06: Mora com

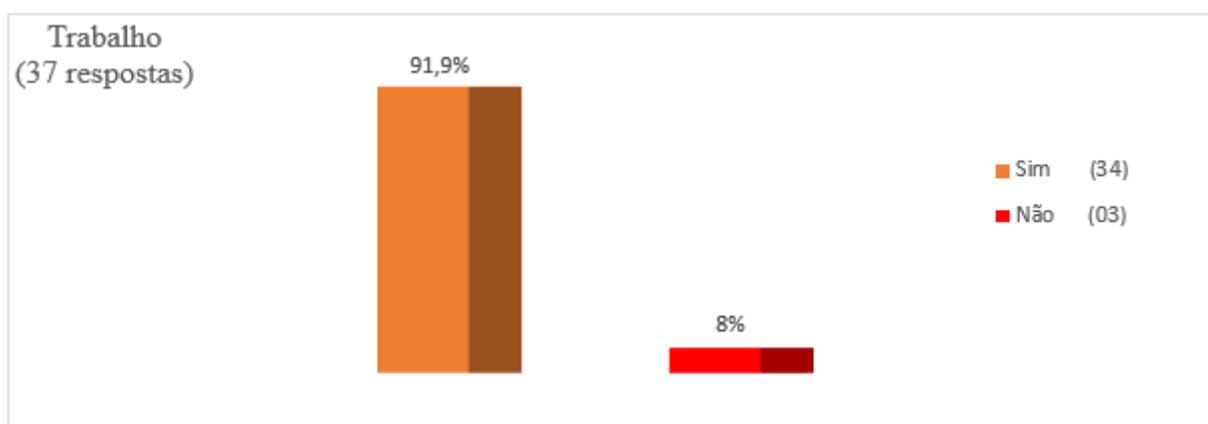
FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

No tocante a variável sobre com quem mora os estudantes do curso, o gráfico revela que a maioria vive com a família, cerca de 64,9% dos respondentes, seguido por 21,6% com companheiro (a), e 11% sozinho. O que reforça na sociologia de Pierre Bourdieu (1983) em que estabelece relação interessante entre sociedade, educação e família, através dos conceitos

de *habitus*¹³ e de estratégia. Nesse sentido, a permanência se dá num processo de sociabilidade que os agentes implementam diante das várias instituições sociais, incluindo, pois, a família nesse processo.

Em relação a questão do trabalho, a grande maioria dos estudantes do Curso de Pedagogia – Educação do Campo exerce uma função remunerada, 91,9% dos respondentes informaram que trabalham, seguido de 8% que não trabalham. Conforme ilustrado no gráfico a seguir:

GRÁFICO 07: Trabalho



FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

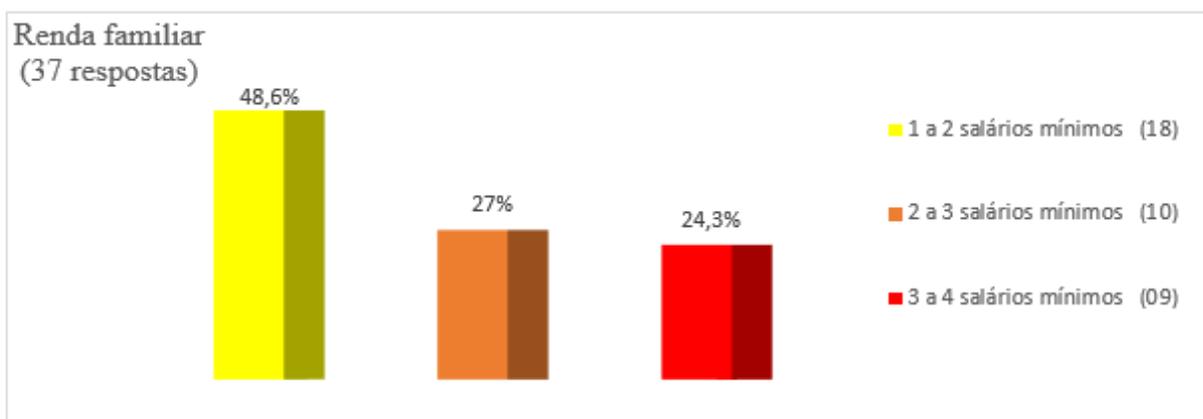
O plano de ensino noturno possibilitou a oportunidade de estudantes que não podiam estudar no período diurno ter a chance de cursar uma graduação no período noturno (ANDRADE; SPOSITO 1986). No entanto, a escolha pelos cursos noturnos geralmente está relacionada a dificuldade de conciliar trabalho e estudo, por isso grande parte dos estudantes que cursam no turno da noite, o fazem porque trabalham durante o dia.

Em relação a renda familiar dos estudantes, os resultados ilustrados no gráfico acima apontam que a maioria ganha de 1 a 2 salários mínimos, um percentual de 48, 6% dos respondentes, em seguida 27% dos respondentes informaram que ganham de 2 a 3 salários mínimos, e 24,3% responderam que ganham de 3 a 4 salários mínimos. Essa variável configura-se como uma das mais relevantes, pois diz respeito às condições econômicas dos que

¹³ O *habitus*, segundo Silveira (2006; p.1) é um sistema de predisposições que conduz as ações sociais, de forma que é possível situar tais disposições como estruturas incorporadas que intermedeiam estruturas estruturadas e estruturantes: “sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas (estruturas objetivas) predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes (estruturas subjetivas), isto é, como princípio gerador e estruturador de práticas e representações” (op.cit: 61). Disponível em: < http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22/art13_22.pdf> Acesso em: 15 de abr. de 2017.

permanecem no curso. Segundo Bourdieu (1998) o capital financeiro é necessário para subsidiar a obtenção de um capital cultural mais elevado. Nesse sentido, a probabilidade de permanecer no curso até a conclusão dos que têm uma renda mínima a cima de dois salários mínimos, como é o caso de 27% dos respondentes, é bem maior do que os que têm uma renda inferior ao desejado.

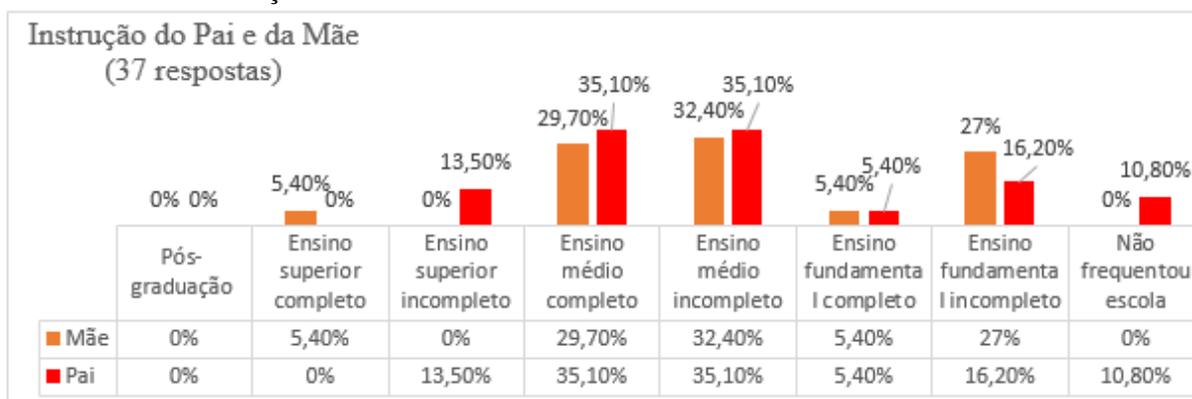
GRÁFICO 08: Renda familiar



FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

No tocante à instrução de pais e mães dos estudantes, os dados revelam um equilíbrio entre os dois, pois 35,1% dos pais concluíram o ensino médio, contra 29,7% das mães. Dos que tem maior nível de instrução, contabilizam-se em maior proporção os homens. Os dados expressam o capital cultural (BOURDIEU; 1998) indicando a referência e contexto dos alunos que permanecem no curso, podendo ser um fator influenciador na permanência dos mesmos.

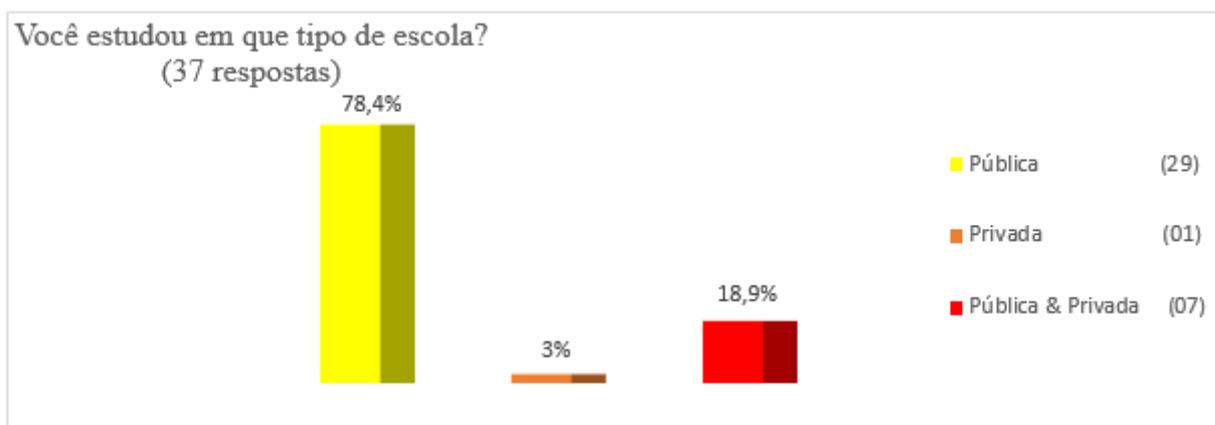
GRÁFICO 09: Instrução do Pai e da Mãe



FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

Em relação ao tipo de escola frequentada pelos estudantes no ensino básico, os dados expressam que 78,4% vêm de escolas públicas, seguido de 18,9% de escola pública e privada, e 2,7% de escola particular. “A disparidade entre o ensino público e privado é visível e demonstra a real condição da educação brasileira” (OLIVEIRA; SILVA; SIQUEIRA; 2008; p.10).

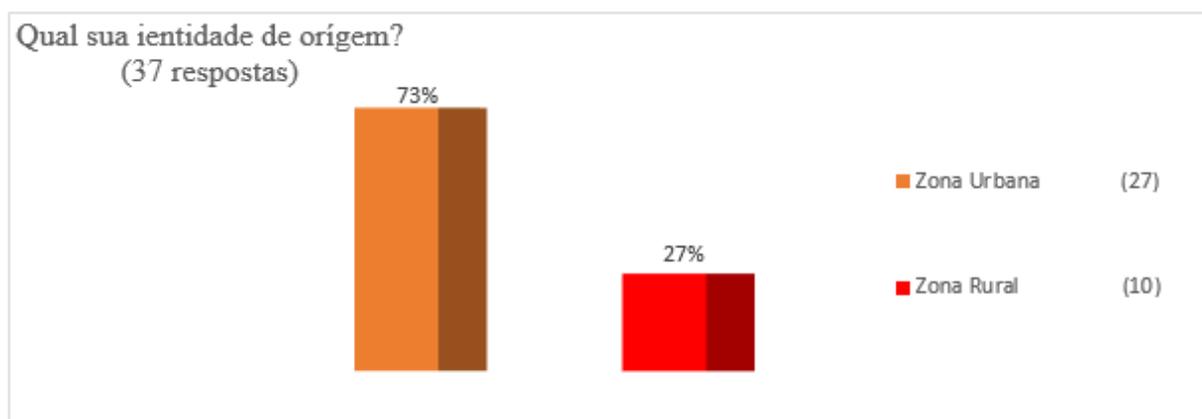
GRÁFICO 10: Tipo de escola



FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

Embora estudantes de escolas particulares possam ter maior preparação para os vestibulares, a maioria dos que permanecem quando adentram na universidade são justamente oriundos de escola públicas, nesse sentido, os dados revelam resultado favorável, pelo menos no Curso de Pedagogia – Educação do Campo.

GRÁFICO 11: Origem geográfica dos estudantes



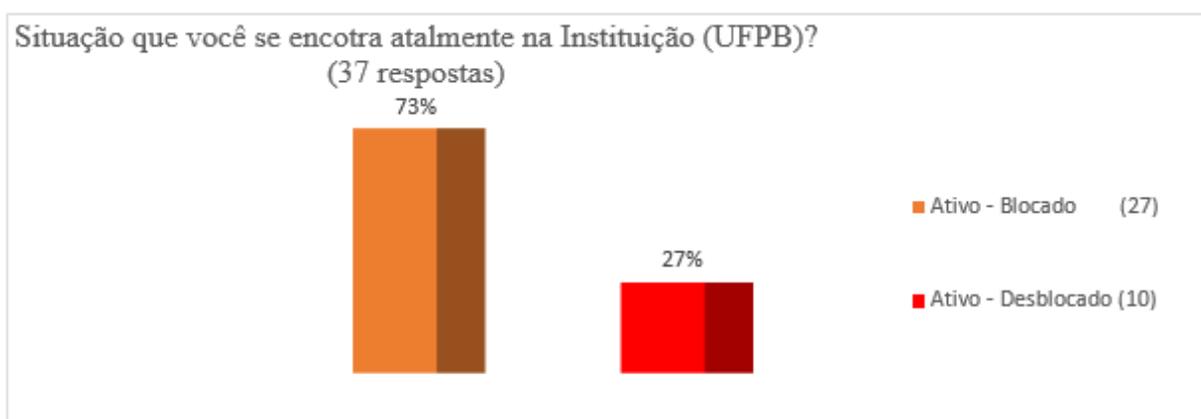
FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

Sobre a identidade de origem dos estudantes, uma quantidade significativa respondeu que são oriundos da zona urbana, foram 73% do total. Os estudantes da zona rural somaram um percentual de 27%. Conforme explícito no gráfico acima

Ainda no que cerne a identidade de origem, os dados revelam que apesar do Curso de Pedagogia ter a Educação do Campo como área de aprofundamento, a quantidade de estudantes da zona rural é bem menor quando comparado ao número de estudantes da zona urbana. Tais dados nos reme à uma contradição, haja vista que o referido Curso tem como principal objetivo proporcionar a formação de professores de nível superior para atuar em projetos educativos nas áreas rurais em geral e de assentamentos dos movimentos sociais (ROCHA, Daniel; 2016).

Nesse sentido, subentende-se que o público a ser contemplado deveria ser em sua maioria estudantes da zona rural, o que não acontece. Dessa forma, esse fato pode desencadear diversas interpretações, abrindo um leque para novas reflexões sobre os objetivos do curso aqui investigado.

GRÁFICO 12: Situação da matrícula



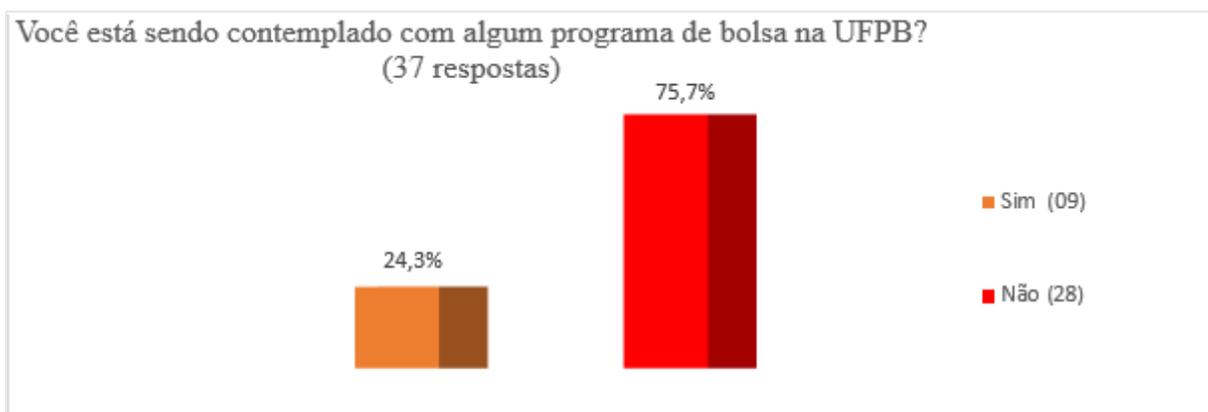
FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

Conforme ilustrado acima, a maioria dos estudantes encontram-se em situação de ativos e bloqueados, o que revela um indicativo positivo, haja vista que as dificuldades de permanência são extremantes latentes em se tratando de assistência estudantil quando o assunto é contemplação de bolsas a esses estudantes.

A variável acerca da contemplação de bolsa revela que 75,7% não recebem auxílio financeiro para manutenção da permanência na Instituição, apenas 24,3% recebem bolsa, conforme ilustrado no gráfico treze. Esse é um dado preocupante, pois o capital financeiro sob a forma dos diferentes fatores de produção é acumulado e reproduzido através de estratégias

específicas de investimento visando a manutenção de relações sociais que podem possibilitar o estabelecimento de vínculos economicamente úteis, a curto e longo prazo (BOURDIEU, Pierry; 1989). Na falta desse capital, muitos estudantes encontram dificuldades na manutenção da sua permanência na universidade, pois os gastos com coisas básicas como: xerox, passagens, livros etc. é muito grande. Mesmo assim, muitos conseguem permanecer no curso.

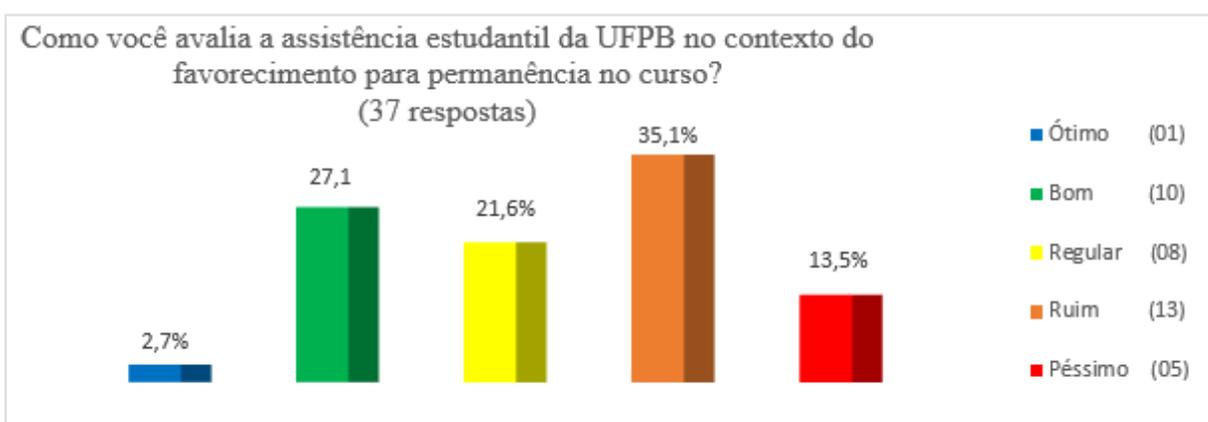
GRÁFICO 13: Contemplação de bolsa



FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período..

Com base nessas constatações, surge o seguinte questionamento: será que os alunos se sentem incluídos no tocante a assistência prestada pela universidade na manutenção da sua permanência? Esta é uma questão relevante a ser pensada quando traçado um olhar sobre as políticas de permanência que a instituição dispõe.

GRÁFICO 14: Avaliação da Assistência Estudantil

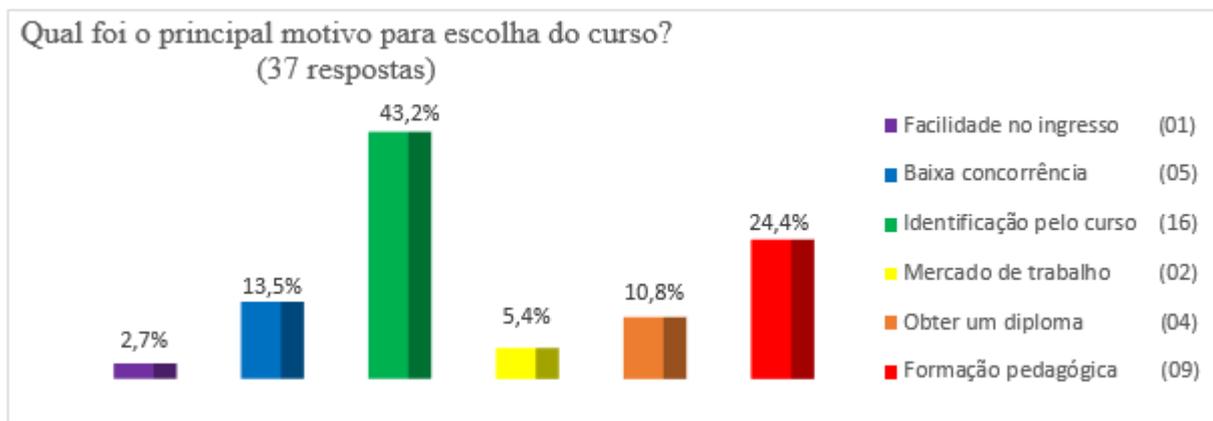


FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

De acordo com o gráfico acima, 35,1% dos estudantes avaliaram a assistência estudantil como sendo ruim, seguido de 27,1% que consideraram bom, em seguida, 13,5% como péssimo. Como é perceptível, os dados apontam uma avaliação negativa no que diz respeito a assistência prestada aos estudantes pela instituição. Os dados inferem a necessário repensar as ações que contemplam os estudantes e suas necessidades. Nesse sentido, as políticas públicas precisam ir além de apenas garantir o acesso à educação superior, e garantir a manutenção durante a permanência na instituição com vista a conclusão do curso.

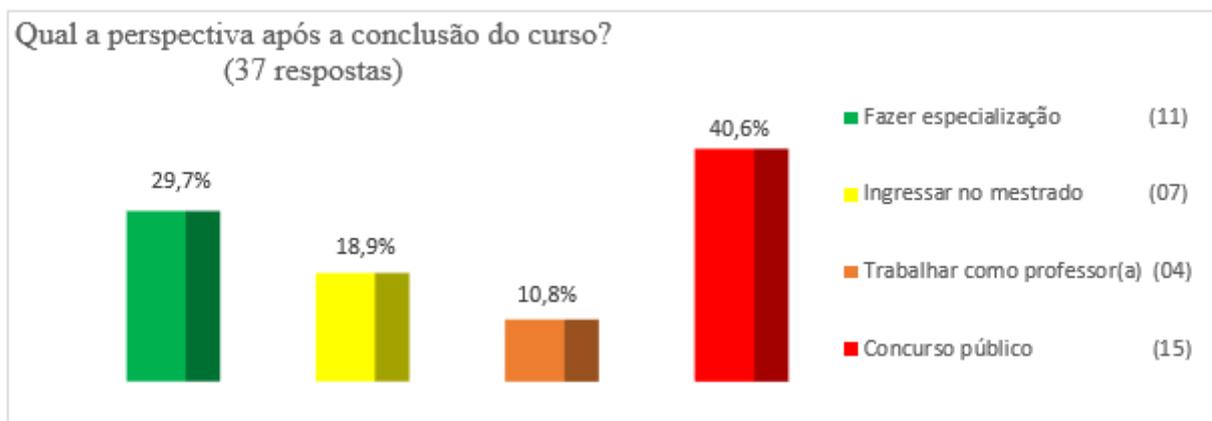
Apesar das dificuldades enfrentadas pelos estudantes, quando questionados sobre os motivos que levaram a escolha do curso, os dados revelam que a maioria se identifica com o curso, um total de 43,2%, seguido pela formação pedagógica, 24,4%, e 13,5% pela baixa concorrência, já os que escolheram apenas pelo diploma somam-se 10,8%, e os que escolheram almejando o mercado de trabalho, 5,4%. Poucos foram os que apontaram a facilidade no ingresso, 2,7% especificamente. É o que ilustra o gráfico a seguir:

GRÁFICO 15: Motivos pela escolha do curso



FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

Em relação às aspirações futuras, a maioria dos estudantes pretendem prestar concurso público, foram 40,6% dos respondentes, seguido de 29,7% que pretendem fazer especialização, e 18,9% visam ingressar no mestrado. Os dados mostram também que, poucos são os estudantes que pretendem trabalhar como docentes de escola básica, um percentual de 10,8%, o que pode indicar um possível desinteresse pela profissão por desvalorização da categoria, conforme ilustrado no gráfico abaixo.

GRÁFICO 16: Perspectivas após conclusão do curso

FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

Em linhas gerais, as questões pessoais, socioeconômicas e acadêmicas aqui analisadas permitem inferir que tais questões estão relacionadas intrinsecamente com a permanência dos estudantes no curso.

QUADRO 03: Síntese do perfil socioeconômico dos estudantes do Curso de Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo - 5º ao 10º período.

PERCENTUAL DOS QUE PERMANECERAM (37 respondentes)	
Idade	46,2% tem idade entre 26 a 36 anos
Sexo	71% do sexo feminino
Cor/Raça	45,9% se autodeclararam pardos
Trabalho	91,9% exercem função remunerada
Renda familiar	48,6% tem renda de 1 a 2 salários mínimos
Instrução da mãe	32,4% possui ensino médio incompleto
Instrução do pai	35,1% possui ensino médio completo
Tipo de escola	78,4% vieram de escola pública
Identidade de origem	73% são da zona urbana
Contemplação de bolsa	75% não foram contemplados
Avaliação da assistência estudantil	55,1% avaliam como ruim
Escolha do curso	43,2% por identificação pelo curso
Aspirações futuras pós curso	40% almejam prestar concurso público

FONTE: Síntese dos dados obtidos a partir do questionário online aplicado aos estudantes de Pedagogia - Educação do Campo, do 5º ao 10º período de 15 de abril à 15 de março/2017. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/10siRfwSJU9dXSJLMvFT18SadHaRsbiYAjGr0TfWc_jg/edit>

Nesse sentido, tais dados nos remete a discussão de Bourdieu (1998), em que aborda a educação, a partir do formato institucionalizado, apresentando três categorias como mecanismo estratégico e determinante para o sucesso escolar: capital econômico, capital cultural, e capital social.

Em síntese, o capital econômico, refere-se às condições financeiras, patrimoniais e de renda de cada sujeito e de sua família, sendo um tipo de capital que pode interferir diretamente na opinião e expectativa de cada sujeito. O capital social, envolve um conjunto de trocas simbólicas e de relações que resultam em estratégias de investimento social, orientadas consciente ou inconscientemente. E o capital cultural, é o elemento de herança familiar de maior repercussão no destino escolar. Ele é constituído por valores, costumes, crenças e ideologias, assim como por elementos que o objetivam e que possuem um valor nas relações de troca (BOURDIEU, 1998).

Dessa forma, o autor traz para o centro da discussão a dimensão em que a origem social dos estudantes se constitui em desigualdades escolares, e essas desigualdades produzidas no campo escolar reproduzem o sistema objetivo de posições e de dominação.

3.2.2. Recorte LGBT: elementos que constituem os desafios para permanência

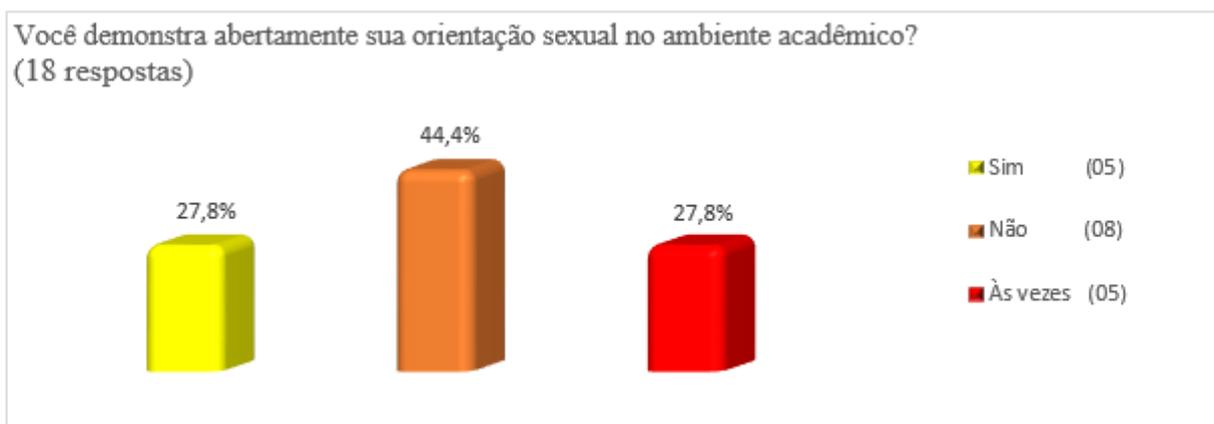
Esta parte do questionário¹⁴ versa sobre o recorte do público LGBT, conforme explicado anteriormente na metodologia. A partir desta segunda parte, foram elaboradas questões subjetivas de ordem múltipla escolha, relacionadas a orientação sexual dos sujeitos, atendendo assim, o objetivo principal deste trabalho que é analisar os elementos que constituem os atuais desafios para permanência de estudantes LGBT no Curso (a não demonstração da orientação sexual, sentimento de exclusão/rejeição, sentimento de insegurança/constrangimento, supostos casos de LGBTfobia no ambiente acadêmico) considerando a orientação sexual como uma variável relevante para tal análise.

Como mostra o gráfico abaixo, a maioria dos estudantes LGBT não demonstram abertamente sua orientação sexual no ambiente acadêmico, cerca de 44,4%, em seguida, 27,8%

¹⁴ As questões acerca dos elementos empregados no questionário foram baseadas na pesquisa da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT – Divulgada pelo Relatório da referida Associação (2016). Disponível em: <<http://www.abglt.org.br/docs/IAE-Brasil.pdf>> Acesso em: 03 de abr. de 2017.

demonstram às vezes. Os que assumem sem problemas sua sexualidade também correspondem uma minoria de 27,8%.

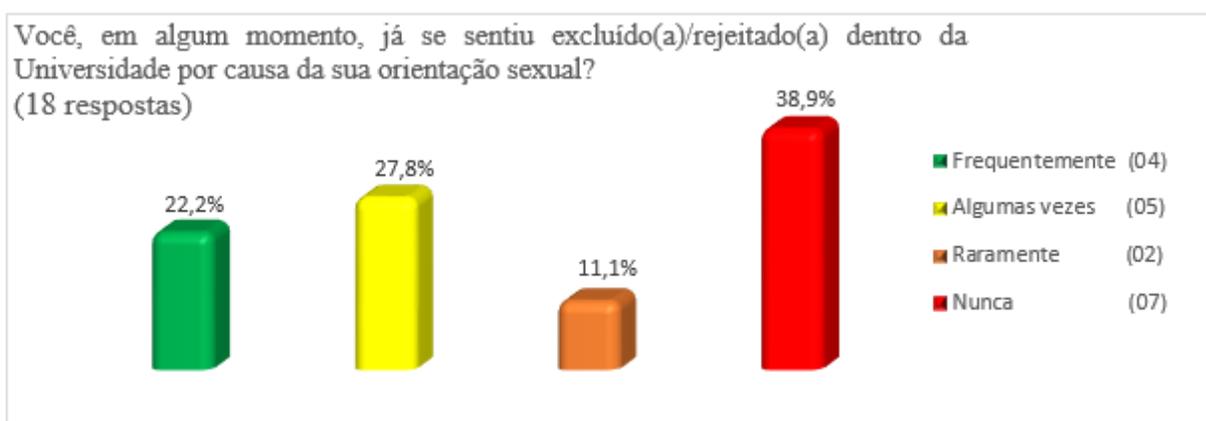
GRÁFICO 17: Percentual de estudantes LGBT que não/demonstram sua orientação sexual no ambiente acadêmico



FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

Esses dados podem indicar que a não demonstração explícita da condição de ser LGBT pode estar relacionada com o medo de sentir-se excluído no espaço acadêmico por não pertencer ao padrão heterossexual predominante. Dessa forma, “permanecendo no armário, alunos gays e alunas lésbicas acreditam estar mais protegidos/as das práticas de assédio moral, preconceito e bullying, sendo poupados/as de maiores percalços durante a trajetória escolar” (SOUZA, 2013, p. 94), o que revela um quadro de exclusão implícita contra essa população.

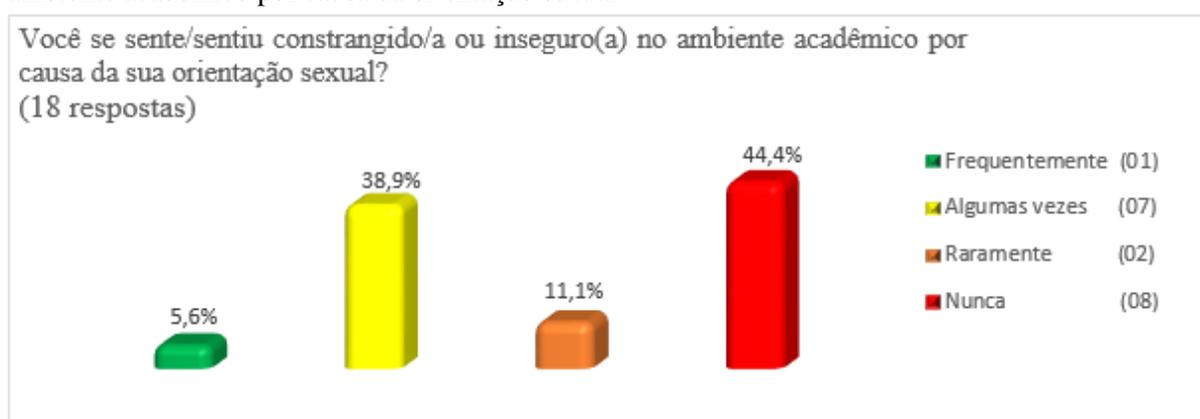
GRÁFICO 18: Frequência com que estudantes LGBT se sentem excluídos(as)/rejeitados(as) no ambiente acadêmico por causa da orientação sexual



FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

Os dados acerca do sentimento de exclusão e rejeição revelou um percentual significativo de estudantes que se sentem excluídos ou rejeitados dentro da universidade, 22,2%, frequentemente e 27,8% algumas vezes, conforme ilustrado na figura a cima, quando somados esses dois percentuais, resultam 50% de estudantes LGBT que se sentem ou já se sentiram excluídos e rejeitados no ambiente acadêmico. Isso mostra que, “a heteronormatividade e o heterossexismo encontram na impunidade, no silêncio e na omissão os dispositivos que reforçam seus comportamentos e legitimam a marginalização do outro” (ALVES; SILVA; 2015, p. 5). Nesse sentido, as relações interpessoais aparentemente tolerantes nesse ambiente, muitas vezes ocultam o preconceito e a rejeição contra esses estudantes, e isso por eles não passa despercebido.

GRÁFICO 19: Frequência com que estudantes LGBT se sentem constrangidos(as)/inseguros(as) no ambiente acadêmico por causa da orientação sexual



FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

O gráfico a cima mostra que 38,9% dos estudantes LGBT já se sentiram constrangidos ou inseguros algumas vezes no ambiente acadêmico por causa da sua orientação sexual, seguido de 44,4% que nunca se sentiram assim, 11,1% responderam que raramente sentem essa insegurança, e 5,6% responderam que sentem com frequência.

Pelos dados, percebe-se que qualquer tipo de constrangimento sofrido no ambiente acadêmico, seja explícito ou não, pode ser motivo para que a vítima se sinta excluída nesse ambiente onde a inclusão deveria ser algo essencial. Quando tal constrangimento está relacionado à orientação sexual do indivíduo que não se encaixa nos padrões heteronormativos, como é o caso do público LGBT, a sensação de não pertencimento à instituição parece ser cada vez maior. Nesse sentido, a permanência de público na universidade é desenhada sobre muitos desafios.

Em relação aos fatos de discriminação e preconceito ocorridos no âmbito acadêmico, de acordo com os dados ilustrados na figura cinco, 78,4% dos respondentes afirmam já ter presenciado ou sabido de algum ato de discriminação e preconceito contra estudantes LGBT dentro da UFPB, ou seja, uma significativa maioria dos estudantes. Esses dados nos revela um quadro alarmante, pois a aversão contra esse público é um problema de ordem histórica, social e política que o padrão heteronormativo estabelece, mas não reconhece como tal.

FIGURA 5: Percentual geral de estudantes que já presenciaram ou souberam de algum ato de discriminação ou preconceito contra estudantes LGBT na UFPB



FONTE: Print screen do questionário online elaborado no Google Drive respondido pelos estudantes do Curso de Pedagogia - Educação do campo.

Essa aversão contra segmento LGBT é conhecida nos termos científicos como “homofobia”, Segundo Borrillo (2010) apud Moreira (2011) a homofobia se configura como um elemento constitutivo da identidade masculina.

Essa repulsa é levada a cabo quando esse ser (quase ontológico) é posto na posição de um outro, tido nesse caso como inferior ou anormal. Essa desproporção entre um eu falante e outro anormal, distante e praticamente irreconhecível, é um paradoxo importante, já que alimenta a lacuna constitutiva de um ideal e de um real (FERNANDES, 2001, p. 2).

Nesse sentido, o ato homofóbico estabelece uma barreira quando dois homens têm de manter uma relação mais íntima, por conta disso acaba por formar esse sentimento repulsivo, de aversão ao próximo.

QUADRO 04: Síntese do recorte LGBT sobre as condições de permanência no curso de Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo – 5º ao 10º período.

A CONDIÇÃO DE SER LGBT E A PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE (18 respondentes)	
Exposição da orientação sexual	72,2% preferem não demonstrar sua orientação sexual no ambiente acadêmico
Exclusão/rejeição	61,1% já se sentiram excluídos/rejeitados em algum momento dentro da universidade
Insegurança/constrangimento	55% já se sentiram inseguros/constrangidos em algum momento dentro da Instituição
Casos de homofobia	78,4% já presenciaram ou souberam de algum caso de homofobia dentro da universidade.

FONTE: Resultado do questionário online link: <https://docs.google.com/forms/d/10siRfwSJU9dXSJLMvFT18SadHaRsbiYAjGr0TfWc_jg/edi>, aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período. Período de 15 de abril à 15 de março de 2017.

Percebe-se pelos dados, que a universidade por ser um ambiente de aparente aceitação frente às diferenças, por vezes, disfarça e esconde toda a aversão contra o público LGBT. Nesse sentido, a conduta discriminatória é frequentemente derivada de atitudes preconceituosas, e as atitudes preconceituosas nem sempre produzem atos hostis (MYERS; 1995, apud PEREIRA e SOUZA, 2013). Com toda essa aversão sofrida, a permanência desses estudantes acaba se tornando um verdadeiro ato de resistência. Assim como salientaram Skliar e Düschatzky (2001),

o acesso e permanência do diferente nos espaços normativos, não devem estar atrelados a uma política de tolerância, nem simplesmente a uma questão de respeito as diferenças, mas sim de qualificação, de desnormatização e desconstrução das sexualidades e gêneros compulsórios dominantes, de transformação desses espaços, em um lugar de afirmação dos direitos sexuais e de combate a qualquer manifestação de machismo, homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia, é possibilitar, segundo Passos e Santos (2013) que as assimetrias de poder conferidas as diversas masculinidades e feminilidades não regulem os processos de homossociabilização¹⁵ (PASSOS, SANTOS, 2013).

¹⁵ A homossocialização ou socialização LGBT é o processo mediante o qual as pessoas do coletivo LGBTI conhecem, relacionam-se e se integram com outras pessoas deste mesmo coletivo, especialmente de sua mesma orientação e identidade sexual. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Homossocializa%C3%A7%C3%A3o>> Acesso em: 24 de mai. 2017.

Não obstante, permitir a vivência da sexualidade no ambiente universitário, sem colocar os sujeitos em situações de opressão, é colaborar para que a permanência e a afiliação acadêmica dos mesmos, possa se efetivar por completo.

3.2.3. Entrevista semiestruturada: a relação entre a condição de ser LGBT e as condições de permanência na universidade

Com base nas discussões e análises dos dados obtidos acerca da permanência, para a complementação deste estudo, afim de apreender as condições de ser LGBT com as condições de permanência no curso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três estudantes LGBT do curso de Pedagogia – Educação do Campo.

Esses estudantes foram escolhidos porque estão incluídos no grupo LGBT, que é justamente o recorte o qual delimita-se este estudo, por se encaixarem no perfil de vulnerabilidade social, e estarem nos últimos períodos, regularmente matriculados no Curso de Pedagogia – Educação do Campo, que o é lócus desta pesquisa.

A entrevista semiestruturada é o tipo de entrevista em que o entrevistador tem um conjunto de questões predefinidas, porém, mantém liberdade para colocar outras a depender dos interesses e necessidades que possam surgir no decorrer da entrevista. Dessa forma, as questões pré-definidas são uma diretriz, mas não ditam a maneira como a entrevista irá decorrer, e as questões não são colocadas necessariamente numa determinada ordem (PORTAL EDUCAÇÃO; 2015).

Para Manzini (2004, p.2), “a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”. Esse tipo de entrevista possibilita a obtenção de informações sobre o entrevistado, de maneira mais livre e espontânea em que as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Nesse sentido, busca-se com essa forma de abordagem, a análise sobre a relação entre a condição de ser LGBT com as condições de permanência no curso, a partir dos relatos desses estudantes sobre suas trajetórias escolares e acadêmicas, para apreensão dos elementos que configuram os atuais desafios para permanência na universidade.

Discutir a permanência de estudantes com situação de vulnerabilidade social no âmbito acadêmico, implica considerar os aspectos que contribuem para a superação dos desafios nesse contexto. Nesse sentido, as escolhas, concepções, ideias e percepções dos indivíduos que se

encontram em tal situação, podem estar relacionadas ao poder simbólico, cujas análises desenvolvidas por Bourdieu (2002) em seus estudos sobre sociologia e educação inferem que,

[...] o capital econômico refere-se às condições financeiras, patrimoniais e de renda de cada sujeito e de sua família, sendo um tipo de capital que pode interferir diretamente na opinião e expectativa de cada sujeito [...] O capital social envolve um conjunto de trocas simbólicas e de relações que resultam em estratégias de investimento social, orientadas consciente ou inconscientemente. [...] o capital cultural é o elemento de herança familiar de maior repercussão no destino escolar. Ele é constituído por valores, costumes, crenças e ideologias, assim como por elementos que o objetivam e que possuem um valor nas relações de troca (ex: diplomas e títulos escolares). (Apud FARIA & SILVA, 2009, p. 82).

Para Bourdieu (1998), nossas motivações diante da realidade objetiva desencadeiam estratégias que estabelecem nossas ações, as quais são dotadas de sentidos e dirigidas, por vezes, de forma inconsciente. Dessa forma, a novidade na obra do referido autor encontra-se na variedade dos objetos de sua análise. Para ele, o poder simbólico configura-se como um poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a esse poder ou mesmo daqueles que o exercem. Nesse sentido, os capitais social, cultural, econômico e simbólico refletem de forma direta e indiretamente nas condições de vida dos indivíduos.

Considerar o recorte LGBT nas discussões da categoria permanência no âmbito universitário, é dar vez e voz aos que sempre estiveram à margem da sociedade pelo simples fato de serem o que são. Nesse sentido, pensa-se a universidade como um espaço de formação de sujeitos, onde a diversidade humana se faz presente em todos sentidos. Pedro, Luíza, e Lúcia¹⁶ são parte integrante que compõem essa diversidade.

No que cerne os dados pessoais dos estudantes entrevistados, temos o Pedro, um estudante Gay que se autodeclara pardo, oriundo da zona rural, tem 38 anos, é natural do interior de Sapé - PB, frequentou somente escola pública do campo, mora com a família, trabalha como professor, com renda de 1 a 2 salários mínimos. Sobre a instrução de seus pais, ambos possuem ensino fundamental completo.

Já Luíza, tem 39 anos, uma mulher lésbica, que se autodeclara branca, natural de João Pessoa – PB, mora sozinha, exerce função remunerada, com renda mínima de 1 a 2 salários, é oriunda de escola pública, aluna do último período do curso de Pedagogia – Educação do

¹⁶ Os nomes: “Luíza, Pedro e Lúcia” são fictícios. Por questões éticas, os nomes verdadeiros dos entrevistados não foram revelados, assim foi utilizado esses pseudônimos na referência das respectivas falas. Para nível de comparação, os entrevistados responderam às mesmas perguntas do questionário online e mais três perguntas abertas relacionadas a sua trajetória escolar e acadêmica.

campo, encontra-se ativa e bloqueada. Seus pais possuem escolaridade diferentes, o pai tem formação superior completa, enquanto que a mãe possui apenas o ensino fundamental incompleto.

E por fim, Lúcia, que tem 23 anos, se autodeclara negra, embora tenha tido experiências bissexuais, se identifica como lésbica, mora com a companheira, estudou somente em escola pública, trabalha como professora em uma escola municipal, possui renda de 1 a 2 salários mínimos, é natural de João Pessoa – PB, também está no último período do Curso de Pedagogia - Educação do Campo, mas está “desbloqueada”. Sua mãe possui apenas o ensino fundamental incompleto, já o pai não frequentou escola.

O que há em comum no perfil desses estudantes? Todos fazem parte de uma população historicamente marginalizada, a população LGBT. Os três possuem uma renda mínima para se manterem, de 1 a 2 salários mínimos, todos são filhos de pais com baixa escolaridade (com exceção do pai da Luíza que tem ensino superior completo), todos estudaram em escola pública.

Lúcia e Pedro atuam como professores em escola municipal, sendo que um na zona rural (Pedro) e o outro na zona urbana (Lúcia). Caracterizam-se como estudantes das classes populares com baixo poder aquisitivo, que adentraram no curso pela forte identificação pelo mesmo. Esses estudantes veem no ensino superior uma oportunidade para o crescimento pessoal e profissional.

Pedro sempre sofreu discriminação por demonstrar abertamente sua orientação sexual desde os 13 anos de idade. Ao ser questionado sobre como foi sua trajetória escolar antes de chegar na universidade, ele conta que,

[...] foi um pouco complicado, o fato de eu me assumir gay me trouxe muitas perdas e prejuízos psicológicos. No sítio onde moro, quando a gente se assume, a gente quebra toda uma construção de valor que nos é imposto como correto. E aí quebrar tudo isso foi bastante complicado. Todo mundo me tratava como se eu fosse um doente contagioso, [...] na escola, na sala de aula passei a ser tratado como se fosse alguém que tivesse um problema, é muito difícil conviver com o preconceito. (Pedro, 2017).

Segundo Ferreira (2015; p. 13), geralmente pessoas LGBTs “têm a sua permanência nesse espaço ameaçada pela mesma instituição que, além de não oferecer condições para tal, ainda contribui com atos de homofobia”. Nesse sentido, a fala do Pedro expressa exatamente o que muitos LGBTs estão acostumados a vivenciar no espaço escolar, um cenário de bastante aversão. Essa aversão configura-se como atos homofóbicos em que “são percebidos no silenciamento e na omissão aos pedidos de socorro de homossexuais quando passam por

violências, sejam elas simbólicas ou físicas (JUNQUEIRA, 2012, apud FERREIRA, 2015, p. 13), e na reiteração constante da heterossexualidade que dita o que é “normal” e o que “não é”.

Se pensarmos o âmbito universitário “como um lugar de socialização e formação cidadã, não podemos compactuar que esse tipo de violência que desrespeita as diretrizes educacionais e os direitos humanos continue”, (ALVES, Rita; SILVA, Elder; 2015; p. 13). Nesse sentido, construir uma pedagogia com base no respeito às diversidades, bem como, um currículo que não padronize os sujeitos, sejam eles como forem, e que atenda aqueles que se encontram às margens da sociedade é necessário, não só para a garantia da permanência, mas para o fortalecimento da verdadeira inserção à universidade.

Em relação as dificuldades de permanência no curso e a relação da condição de ser LGBT, Pedro relata que no início se sentiu retraído, e em alguns momentos rejeitado e com medo, por ser gay afeminado e morar no interior, sentia-se como se estivesse submetido à algumas condições de sobrevivência e às vezes sentia medo de ser excluído. Relata também dificuldades em relação às viagens que faz todos os dias para ir à universidade.

[...] até as pessoas compreenderem e se acostumarem em ver o perfil de um gay que tem uma história construída no meio rural, são colocadas certas condições de sobrevivência aqui dentro da universidade [...] e aqui eu tive essas certas condições, de as pessoas me olharem com estranheza e olhar de deboche [...] aí às vezes eu até tinha medo que isso acontecia por algo que ele mesmo tinha causado, devido a todos os problemas que tive na minha vida. A questão do trajeto foi uma outra dificuldade que tive, eu moro no interior, levo são duas horas para vir para universidade e duas para voltar para casa, eu chego em casa de meia-noite. O curso em si não vejo nenhum problema, o que mata é a viagem, é muito cansativa, mas isso não foi motivo para que eu desistisse. (Pedro, 2017).

Situações em que o estudante Pedro se viu excluído e rejeitado pelo simples fato de ser o que é, contribuiu diretamente para que ele tenha dificuldades durante parte de sua trajetória na universidade. Nesse sentido, cabe a relação estabelecida por Bourdieu (1998) sobre o capital social, em que, segundo o próprio autor, está intrinsecamente ligada aos benefícios mediados pelas redes extrafamiliares e às lutas concorrenciais entre indivíduos ou grupos no interior de diferentes campos sociais. Dessa forma, as chances que os sujeitos têm de acumular ou de reproduzir este tipo de capital dependem de sua posição dentro do sistema de estratificação.

Nesse sentido, a posição do Pedro na perspectiva do capital social colocada por Bourdieu (1998), não se configura como favorecida. No entanto, ele nunca pensou em desistir do curso por conta dessas dificuldades. Embora o Estudante LGBT, de origem campesina, não esteja uma posição privilegiada na sociedade, por estar inserido em um contexto de vulnerabilidade social, vem

superando as dificuldades de permanecer no curso, e atrela isso à sua identidade pelo curso, advinda da identidade construída no campo social do campo, que são suas origens.

O que mais me motiva é porque eu sou do campo, nasci no campo me criei no campo, eu sou o cara que fui obrigado a trabalhar logo cedo, eu já trabalhei no meio de pessoas, limpando abacaxi plantando mandioca. Por mais que eu tenha minhas dificuldades, e não está morando mais no campo, mesmo assim o campo ainda é a minha identidade. Eu amo dizer que eu sou filho de agricultor, me orgulho muito disso, me orgulho de dizer que o campo proporciona coisas boas, ao acordar pela manhã e ver o Sol nascente, ouvindo o canto do galo no campo, o campo me transmite paz. [...] por isso esse curso para mim é algo muito motivador. (Pedro, 2017).

Percebe-se no relato de Pedro um sentimento muito forte de pertencimento às suas origens, ele reconhece a sua própria identidade. Tal sentimento o faz despertar para a busca de transformação da sua própria realidade. Nesse sentido, posiciona-se diante das várias dificuldades redescobindo “um sentimento que move os sujeitos a defender as suas ideias, recriar formas de convivência e transmitir valores de geração a geração” (BRASIL, 2004, p. 36). Assim, a postura do Pedro frente às dificuldades, revela um aspecto positivo que pode ser configurado como sendo uma das estratégias utilizadas por estudantes como ele, em que reverte esse quadro negativo transformando em superação.

Diferente do Pedro, a Luíza não sentiu dificuldades em sua trajetória escolar e acadêmica por ser lésbica, e atribui isso ao fato de não demonstrar abertamente para todos sua orientação sexual. De acordo com seu relato, lésbicas são mais discretas nos espaços de socialização e por isso sofrem menos. No entanto, informa que já presenciou casos de aversão contra algumas lésbicas, por isso não descarta a necessidade de lutar pelos seus direitos enquanto LGBT:

Eu não demonstro muito esse meu lado homossexual, não é para não ter que sofrer preconceito, mas eu acho que isso, às vezes, é um padrão meio lésbico de ser, porque a maioria delas são mais discretas, não todas. [...] admiro muito as reivindicações dos grupos LGBT para aquisição dos nossos direitos, tem que ser assim mesmo. Acho que essa minha autoconfiança me dá mais segurança de ser o que sou. Eu não tenho também nenhuma objeção em falar de mim, da minha orientação sexual para uma pessoa, mas só me abro para aquelas que e tenho afinidade. Então minha trajetória escolar foi tranquila, mas eu já presenciei casos de preconceito com outras meninas lésbicas, por elas não demonstrarem certas referências que as meninas têm, elas sofrem muito bullying discriminação ao longo dessa trajetória. (Luíza, 2017).

As relações construídas no ambiente acadêmico aparentam uma certa tolerância no que diz respeito à presença de pessoas LGBT nesse meio. Embora o capital cultural seja uma marca presente nesse ambiente (BOURDIEU, 1998), essas pessoas não estão isentas do preconceito,

em que, na maioria das vezes, ocorre de forma silenciosa, mas não passa despercebido. É o que revela Luíza em seu relato quando fala da diferença entre o ambiente escolar e o ambiente universitário no tocante a expressão da sua sexualidade:

[...] a diferença é que aqui dentro as pessoas são mais discretas em relação ao preconceito, elas não demonstram abertamente seus incômodos com a nossa presença, porque subtende-se que pessoas estudadas não tem preconceito com nada, como estudam muito e vem que tem a coisa da liberdade de expressão de ser quem você é, então isso fica meio que camuflado, mas às vezes a gente sente aqui e ali, uma certa indiferença quando essas pessoas percebem nossa orientação sexual. (Luíza, 2017).

Para Bourdieu (1998), não existem elementos objetivos que digam que uma cultura é superior às outras, existem apenas valores tácitos atribuídos por certos grupos em posição dominante numa dada configuração social que fazem dela a cultura legítima (apud CUNHA, 2007). Assim, o capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, em que, dá-se sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, em que, se traduz em forma de bens culturais, tais como esculturas, pinturas, livros, etc.; e no estado institucionalizado, em que, materializa-se por meio dos diplomas escolares (BOURDIEU, 1998). Nesse sentido, pode-se inferir que o capital cultural constituído por valores, costumes, crenças e ideologias, assim como por elementos que o objetivam e que possuem um valor nas relações de troca, está intrinsecamente ligado às influências da ordem heteronormativa que está na posição de dominante.

No tocante a questão da motivação que contribui para a permanência na universidade, assim como Pedro, a Luiza também expressa sentir uma forte identificação com o curso, focando principalmente na questão filosófica, e ressalta a importância que a educação tem para a sociedade, para a vida de modo geral.

[...] eu penso que a educação vem antes de saúde, de moradia de perspectiva de vida mesmo, eu acredito que a educação é o estado mesmo que o país precisa que ainda está na fase de aprimoramento ainda, então assim, eu me identifico com curso pela filosofia da educação, é uma coisa que eu gosto mesmo, gosto de estar ali, de se ver ali, naquela ação de construção com o outro e se construir também através do outro. (Luíza, 2017).

A última entrevistada foi a Lúcia, uma jovem lésbica que passou boa parte da vida tendo relacionamento heterossexual, mas descobriu sua orientação homossexual lésbica há pouco, ao adentrar na universidade. Sua trajetória escolar, assim como da Luiza, não teve muitos percalços em relação a sua condição de ser LGBT, justamente por conta dessa vivência hetero nas

relações, mas enfrentou dificuldades financeiras que prejudicaram o seu desempenho acadêmico a deixando em situação de aluna desblocada.

Faz oito meses que me descobri como lésbica, conheci uma pessoa maravilhosa, e hoje estou casada com uma mulher. [...] a gente sabe que no fundo após quando você revela sua orientação sexual, as pessoas começam a te tratar de forma diferente, mesmo assim não senti dificuldades aqui dentro em relação ao meu jeito de ser, não pelo minha orientação sexual, mas sim por permanência de dificuldades financeiras. Estou correndo atrás de um caminho, porque a universidade não garante a permanência nela por conta disso, ou você trabalha ou você estuda. (Lúcia, 2017).

A fala da Lucia nos faz retomar para os pressupostos de Bourdieu (1998) sobre o capital econômico, em que às condições financeiras, patrimoniais e de renda de cada sujeito e de sua família, pode interferir diretamente nas expectativas de cada sujeito. Para Coleman (1988) o capital econômico é definido tanto como renda e riqueza material como em termos dos bens e serviços a que ele dá acesso. Nesse sentido, considera este tipo de capital como um dos fatores relacionados ao contexto familiar que influencia diretamente na vida das pessoas que o detêm (apud BONAMINO, et al. 2010). Dessa forma, o sujeito se utiliza de estratégias para sua sobrevivência, no caso acima, tenta a estudante tenta conciliar trabalho e estudo, sempre correndo atrás de algo para se manter.

Em relação a sua motivação em permanecer no curso mesmo estando desblocada, Lúcia também indica uma afinidade intrínseca com o curso de Pedagogia – Educação do Campo, demonstrando o sentimento de amor pela profissão docente. Nesse sentido, revela ter vocação para professora:

O primeiro motivo me faz permanecer aqui é que eu amo o curso, amo ser professora. Eu acho que desde que eu me entendo por gente que eu sempre quis essa profissão, e segundo são os conhecimentos adquiridos aqui, porque a gente aqui no curso aprende muita coisa. [...] e assim, a universidade não é só está na sala de aula, fora da sala de aula você pode aprender muito também, em relação a tudo. (Lúcia, 2017).

Observa-se nas trajetórias também, uma diferença significativa entre as discriminações sentidas pelo estudante gay, em que, seu relato denota mais intensidade em comparação com as estudantes lésbicas, que revelaram não terem sofrido tanto com esse problema. Nesse sentido, podemos inferir que a discriminação entre homens e mulheres LGBT, durante a permanência na universidade, pode não acontecer na mesma proporção, pois “o sujeito possui outras

características que influenciam na violência que o acomete (BOAVENTURA; JÚNIOR; MESSEDER, 2016, p. 8).

Dessa forma, o gay não é somente gay, ele também é homem; a lésbica não é somente lésbica, ela também é mulher; e a sociedade não é apenas LGBTfóbica. “A sociedade também é machista, racista, classicista, e estes outros traços da identidade influenciam na tipificação e na intensidade da violência (BOAVENTURA; JÚNIOR; MESSEDER; 2016, p. 8). Com efeito, essa discussão pode gerar uma nova problemática para futuras investigações, no sentido de saber como se configura essas desigualdades entre as identidades gêneros.

Em linhas gerais, as análises sobre essas trajetórias possibilitam uma reflexão acerca dos processos de exclusão em que muitos estudantes estão inseridos. Nesse sentido, os sujeitos em situação de vulnerabilidade na universidade, não relacionam sua permanência “apenas aos aspectos institucionais de implementação das políticas, mas também aos aspectos subjetivos dos envolvidos, no que diz respeito a condição social, cultural e econômica do sujeito” (CARVALHO; JEZINE; 2016; p. 11).

Contudo, pode-se considerar que as análises a partir das trajetórias individuais, estão atrelados às questões de ordem financeiras, de assistência estudantil desfavorável, e sentimento de rejeição e exclusão por atos preconceituosos. Nesse sentido, a condição de ser LGBT reforça essas dificuldades, fazendo com que a permanência se configure como um verdadeiro ato de resistência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou uma análise qualitativa, apoiada em dados estatísticos, sobre os atuais desafios da permanência de estudantes LGBT na universidade. Uma análise na perspectiva da diversidade sexual que considerou a orientação sexual como uma variável relevante na relação com a permanência.

Dessa forma, levantou-se uma problemática significativa, no sentido de responder as seguintes questões: Quais os atuais desafios enfrentados por esses estudantes em relação a permanência no curso de Pedagogia que tem a Educação do Campo como área de aprofundamento? Qual a relação entre a condição de ser LGBT com as condições de permanência na universidade? Como se configura a permanência destes na universidade frente aos processos de exclusão? Além disso, a temática aqui discutida, permitiu uma aproximação mais consistente da realidade, em que, foram apresentados dados relevantes acerca do perfil social, econômico, acadêmico, e de gênero dos sujeitos investigados.

Como ilustrado nos gráficos no decorrer das análises, 72,2% dos estudantes LGBT apontaram que não demonstram abertamente sua orientação sexual no ambiente acadêmico, 61,1% já se sentiram excluídos e rejeitados em algum momento dentro da universidade, 55% já se sentiram inseguros ou constrangidos em algum momento dentro da universidade, e 78,4% já presenciaram ou souberam de algum caso de homofobia na dentro da universidade. Já os relatos, apontaram uma diferença significativa entre as discriminações sentidas pelo homossexual homem, em que, o estudante gay sofre com mais intensidade em comparação com as estudantes lésbicas. Nesse sentido, percebeu-se que a discriminação entre homens e mulheres LGBT, pode não acontecer na mesma proporção.

Os dados e os relatos sobre as trajetórias dos estudantes apontaram que o preconceito dentro da universidade ocorre, na maioria das vezes, de forma silenciosa, porém, por eles, não passa despercebido. Dessa forma, foi possível inferir que as relações construídas no ambiente acadêmico aparentam uma certa tolerância no que diz respeito à presença desse público na universidade. Nesse sentido, a orientação sexual considerada como aspecto relevante no decorrer das análises, permitiu uma melhor compreensão da relação entre as condições de ser LGBT com as condições de permanência na universidade.

Observou-se ainda, no recorte LGBT, que não foram identificados (as) transexuais, nem travestis, dentre os participantes da pesquisa. Tal observação pode levantar uma nova problemática, no sentido de saber como ocorre a inserção destes sujeitos no ensino superior, haja vista que muitos não conseguem nem concluir o ensino médio.

No tocante às discussões acerca das políticas e ações de permanência que a Universidade Federal da Paraíba dispõe, os dados revelaram uma avaliação negativa sobre a assistência estudantil, cerca 55,1% dos estudantes avaliaram como ruim, o que revela a necessidade de uma atenção maior para a diversidade de elementos que se encontram presentes na instituição. Nesse sentido, as políticas públicas precisam ir além de apenas garantir o acesso a esse nível de ensino, precisam garantir a manutenção durante a permanência na instituição com vista a conclusão do curso e como consequente, o sucesso acadêmico.

Não obstante, pode-se considerar que as análises a partir das trajetórias individuais, os dados obtidos com o questionário, e a discussão sobre as políticas e ações para permanência, apontaram que os atuais desafios enfrentados pelos estudantes LGBT, estão atrelados às questões financeiras, assistência estudantil desfavorável, e sentimento de rejeição e exclusão por atos preconceituosos. Nesse sentido, a condição de ser LGBT reforça essas dificuldades, tornando-as mais evidentes, fazendo com que a permanência se configure como um verdadeiro ato de resistência. Todavia, de modo geral, os estudantes vêm superando os desafios de permanecer na universidade, e atrelam isso à forte identificação pelo o curso.

Todavia, durante o desenvolvimento desta pesquisa surgiram novas questões pertinentes, tais como: Como se configuram as desigualdades entre os gêneros masculino e feminino dentro do recorte LGBT na universidade? Como ocorre a inserção de transexuais no ensino superior? Quais os processos de exclusão intrínsecos no âmbito da educação superior no tocante à inserção e permanência do público transexual nesse nível de ensino? Tais questionamentos demandam novas investigações.

Por tanto, o presente trabalho remete buscar novos elementos para dar continuidade, no sentido de aprofundar as análises acerca da permanência, dos que se encontram em situação de vulnerabilidade social, e os processos de inclusão e/ou exclusão intrínsecos no âmbito do ensino superior.

5. REFERÊNCIAS

ABGLT. Relatório da Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil 2016: As Experiências de Adolescentes e Jovens LGBT em nossos Ambientes Educacionais**. Disponível em: <<http://www.abgl.org.br/docs/IAE-Brasil.pdf>> Acesso em: 03 de abr. de 2017.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; DA SILVA, Lorena Bernadete. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133977por.pdf>> Acesso em: 20 abr. 2017.

ALVES, Rita de Cássia Dias Pereira; SILVA, Elder Luan dos Santos. **LUGARES, NÃO-LUGARES E ENTRE-LUGARES: Olhares e Implicações Sobre a Vida Universitária de Estudantes Não-heterossexuais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**. Disponível em <<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/LUGARES-NÃO-LUGARES-E-ENTRE-LUGARES-OLHARES-E-IMPLICAÇÕES-SOBRE-A-VIDA-UNIVERSITÁRIA-DE-ESTUDANTES-NÃO-HETEROSSEXUAIS-DA-UNIVERSIDADE-FEDERAL-DO-RECÔNCAVO-DA-BAHIA-Elder-Luan1.pdf>> Acesso em: 24 de mai. 2017.

ARAGUAIA, Mariana. "**Orientação Sexual**". Revista Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sexualidade/orientacao-sexual.htm>>. Acesso em 01 de mai. 2017.

ARAÚJO, Carla B. Zandavalli M. **A PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO NO BRASIL: uma categoria em construção**. Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.22, n.2, p. 25-43, jul.-dez. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/viewFile/17778/10143>> Acesso em: 20 jan. 2017.

BARRETA, Emanuele Moura; CANAN, Silvia Regina. **Políticas Públicas de Educação Inclusiva: Avanços e recuos a partir dos documentos legais**. IX ANPED sul. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Disponível em <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/173/181>> 20 jan. 2017. Acesso em: 13 jan. 2017.

BOAVENTURA, Lenon Silva; JÚNIOR, Warlen Alves de Oliveira; e MESSEDER, Suely Aldir. **O Disque 100 e a Violência LGBT** Disponível em <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_S A8_ID1633_03052016011452.pdf> Acesso em: 03 de jun. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. A dominação masculina/Pierre Kühner. - 11° ed. - Rio de Janeiro 160p. Bourdieu tradução Maria Helena Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual.** Brasília : Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. MEC/CNE. **Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo.** Parecer CNE/CEB nº 36/2001, aprovado em 4 de dezembro de 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 10 de abr. 2017.

BRASIL. **Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 20 jan. 2017.

BALBINO, Elizete Santos; SILVA, Albertina Costa. **DIVERSIDADE SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR: da concepção à formação docente.** Disponível em: <<http://megaslides.org/doc/362732/diversidade-sexual-no-contexto-escolar---seer>> Acesso em 18 de mar 2017.

CARVALHO, Rayana; JEZINE, Edineide. **PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: “um peso, duas medidas”.** Espaço do currículo, v.9, n.1, p. 108-120, janeiro a abril de 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/viewFile/rec.2016.v9i1.108120/15341>> Acesso em: 20 de abr. 2017.

CASTELO BRANCO, Uyguciara Veloso; JEZINE, Edineide; NAKAMURA, Paulo Hideo. **Políticas de Expansão, Acesso e Permanência na UFPB (1996 – 2012).** Disponível em: <<http://coipesu.com.br/upload/trabalhos/2015/6/politicas-de-expansao-acesso-e-permanencia-na-ufpb-1996-2012.pdf>> Acesso em: 19 mar. 2017.

CASTELO BRANCO, Uyguciara Veloso; JEZINE, Edineide; NAKAMURA, Paulo Hideo. **Permanência na educação superior no Brasil: Construção de uma escala de medida** Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=11287>> Acesso em: 19 mar. 2017.

COLEMAN, James S. Social capital in the creation of human capital. American Journal of Sociology, v. 94, p. 95-120, 1988. In: BONAMINO, Alicia; ALVES, Fátima; FRANCO, Creso. **Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman.** Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/275/27515491007/>> Acesso em: 02 de jun. 2017.

CUNHA, Maria Amália de Almeida. **O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica.** PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 25, n. 2, 503-524, jul/dez. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/1820/1584>> Acesso em: 30 mai. 2017.

DE ARRUDA, Ana Lúcia Borba. **DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: um debate atual.** Disponível em: <<http://www.afirse.com/archives/cd11/GT%2002%20%20POL%C3%8DTICAS%20E%20P>>

R%3%81TICAS%20DE%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20SUPERIOR/20_DEMOCRA
TIZACAO%20DA%20EDUCACAO%20SUPERIOR.pdf> Acesso em: 22 de mai. 2017.

FARIA, Renata Mantovani de; SILVA, Eduardo Pinto e. **Habitus e Composição dos Capitais Cultural, Econômico e Social como Fatores Explicativos da Constituição das Expectativas e Práticas de Formação e Trabalho de Alunos de Uma Escola Pública Estadual.** Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/viewFile/487/502>> Acesso em: 10 de jan. 2017.

FERNANDES, Bernardo, MOLINA, Mônica. **O campo da educação do campo.** Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/ArtigoMonicaBernardoEC5.pdf>> Acesso em 15 de mar. 2017.

FERREIRA, Cristiano Cavalcante; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. **Vivências Escolares de Jovens Homossexuais Afeminados: Estratégias de Resistência e Permanência.** Disponível em: <[file:///C:/Users/Jailson/Downloads/87-168-3-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Jailson/Downloads/87-168-3-PB%20(3).pdf) > Acesso em: 20 de abri. 2017.

FOUCAULI, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

GIMENES, Felipe Vieira; MACIEL, Carina Elisabeth. **A CATEGORIA PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: o que revelam as pesquisas?** Anais do XXIV Seminário Nacional UNIVERSITAS/BR. 18 a 20 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/xxivuniversitas/anais/trabalhos/e_5/5-003.pdf> Acesso em 15 de fev. 2017.

HOFLING, Eloisa de Mattos. **Estado e Políticas (Públicas) Sociais.** Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55, novembro/2001. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5539>> Acesso em: 01 de mar. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista.** - Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 1997.

MINAYO E SANCHES. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity?** Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v9n3/02.pdf>> Acesso em: 25 de jan. 2017.

MOREIRA, Yan Faria. **SAINDO DO ARMÁRIO E DA ESCOLA: índices e causas de evasão de indivíduos não heterossexuais das instituições de ensino.** Disponível em: <<periodicos.ufes.br/gepps/article/download/3873/3088> > Acesso em: 10 abr. 2017.

OLIVEIRA, Ionara Stéfani Viana de; SILVA, Magno Vamberto Batista da; SIQUEIRA, Liedje Bettizaide Oliveira de. **Determinantes do Desempenho dos Estudantes no Vestibular a Universidade Federal Da Paraíba.** Disponível em: <> Acesso em: 20 de fev. 2017.

PEDAGOGIA - EDUCAÇÃO DO CAMPO. **Projeto Político Pedagógico.** Disponível em: <<http://pedagogiaeducampufpb.blogspot.com.br/>> Acesso em: 08 de jan. 2017.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Entrevista semiestruturada e suas características.** Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/recursos-humanos/entrevista-semiestruturada-e-suas-caracteristicas/62328>> Acesso em: 05 de abr. 2017.

PEREIRA, Paulo Celso; SOUZA Vanessa Cristina Rego de. **Homofobia: manifestações implícitas e explícitas de preconceito e discriminação.** Revista Fafibe On-Line — ano VI – n.6 - nov. 2013 - p. 40-49 - ISSN 1808-6993 unifafibe.com.br/revistafafibeonline.

SCOTT, JOAN. Gender: a useful category of historical analyses. **Gender and the politics of history.** New York, Columbia University Press. 1989. **Gênero: Uma Categoria útil para Análise Histórica.** TRADUÇÃO: Christine Rufino Dabat Maria Betânia Ávila. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf> Acesso em: 21 de mai. 2017.

SENKEVICS, Adriano. **Ensaio de Gênero: um espaço para se ensaiar política, educação, feminismo e coisas do gênero.** 2011. Disponível em: <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2011/12/05/a-feminizacao-do-magisterio/>> Acesso em: 06 de jun. 2017.

SILVA, Kelly. **CURRÍCULO, GÊNERO E IDENTIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS.** 2011, p. 34 - 35. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppge/files/2011/07/Curr%C3%ADculo-g%C3%AAnero-e-identidade-na-forma%C3%A7%C3%A3o-de-Professores-as.pdf>> Acesso em: 04 de jun. 2017.

SOUZA, Janice Aparecida de. **Estratégias de escolarização de homossexuais com sucesso acadêmico.** Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD9BWHB3/estrategias_de_escolarizacao_de_homossexuais__com_sucesso_academico.pdf?sequence=1> Acesso em: 20 de fev. 2017.

UFPB. Pró-Reitoria de Assistência e Promoção ao Estudante – PRAPE. **Processos Seletivos.** Disponível em: <<http://www.ufpb.br/prape>> Acesso em: 20 de fev. 2017.

UFPB. CENTRO DE EDUCAÇÃO. **Pedagogia – Educação do Campo.** Disponível em: <<http://www.ce.ufpb.br/ce/contents/paginas/graduacao/pedagogia-2013-educacao-do-campo>> Acesso em 10 de abr. 2017.

UFPE. Portal de Notícias. **Universidade Federal de Pernambuco lança Política LGBT.** Disponível em: <https://www.ufpe.br/sib/index.php?option=com_content&view=article&id=459:universidade-federal-de-pernambuco-lanca-politica-lgbt&catid=6:noticia&Itemid=122> Acesso em: 21 de jan. 2017.

APÊNDICE**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) senhor (a) _____

Esta pesquisa é sobre “**OS DESAFIOS DA PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES LGBT NA UNIVERSIDADE:** uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia - Educação do Campo” da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Edineide Jezine Mesquita Araújo. O estudo tem como objetivo, analisar os elementos que constituem os atuais desafios para permanência de estudantes LGBT no Curso de Pedagogia – Educação do Campo, considerando, dentro do perfil sócio econômico, a orientação sexual como uma variável relevante que ao gerar ao não processos de exclusão podem estar intrínseca às condições de permanência desses estudantes no referido curso. A finalidade deste estudo é contribuir para Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Solicitamos a sua colaboração para o questionário, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos acadêmicos e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, não será necessário se identificar, mantendo assim o sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o senhor não é obrigado a fornecer as informações que não queira. Caso decida a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição. O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que li este termo e estou de acordo com as informações apresentadas. Com efeito, caso haja maiores dúvidas, segue o contato do autor do referido trabalho: (83) 999226515.

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

João Pessoa, 15 de março de 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
COORDENAÇÃO DO CURSO PEDAGOGIA – ÁREA DE
APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

CARTA DE ANUÊNCIA

Pelo presente, Coordenador do curso de Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo, situado no Campus I da Universidade Federal da Paraíba, no Centro de Educação, autoriza Jailson Batista dos Santos, acadêmico do curso de Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação no Campo, realizar entrevistas semiestruturadas com três estudantes, e aplicar questionário online, com os demais estudantes do 5º ao 10º períodos do referido curso, tendo como finalidade analisar as condições sociais, econômicas e educacionais, buscando a compreensão das possíveis dificuldades e as superações dos desafios para permanência e conclusão do curso. O trabalho de conclusão de curso – TCC encontra-se intitulado **“OS DESAFIOS DA PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES LGBT NA UNIVERSIDADE: uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia - Educação do Campo”**, sob a orientação da Prof.a Dr.a Edineide Jezine Mesquita Araújo, lotada no Departamento do Curso de Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do campo. As entrevistas acontecerão em horário que não interfira no andamento regular das atividades dos participantes.

João Pessoa, 15 de março de 2017.

Coordenação do Curso de Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo

Prof. Mariano Castro Neto


Mariano Castro Neto
Coord. do Curso de Lic. em
Pedagogia Ed. do Campo
SIAPE: 1674149

QUESTIONÁRIO

Esse questionário tem como objetivo analisar as condições sociais, econômicas e educacionais de estudantes do curso de Pedagogia com Área de Aprofundamento no Campo-UFPB, considerando a orientação sexual como variável relevante para a análise dos elementos que constituem a permanência no curso. Nesse sentido, busca a compreensão das possíveis dificuldades, estratégias e as superações dos desafios para permanência e conclusão.

QUESTÕES GERAIS

Sexo: Masculino Feminino

Idade: _____

Você mora com:

Família Sozinho (a) Companheiro (a) Amigos(as)

Você trabalha? Sim Não

Renda Familiar:

Menos de um salário mínimo

1 a 2 salários mínimos

2 a 3 salários mínimos

3 a 4 salários mínimos

5 salários mínimos ou mais

Instrução da Mãe:

Pós-graduação

Ensino superior completo

Ensino superior incompleto

Ensino médio completo

Ensino médio incompleto

Ensino fundamental completo

Ensino fundamental incompleto

Não frequentou escola

Instrução do Pai:

Pós-graduação

- Ensino superior completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino fundamental incompleto
- Não frequentou escola

QUESTÕES ACADÊMICAS

Estudou em que tipo de escola?

- Pública Privada Pública e privada

Em relação a sua identidade de origem, você é:

- Estudante oriundo da zona rural
- Estudante oriundo da zona urbana

Situação que você se encontra atualmente na Instituição:

- Ativo – Blocado Ativo - Deslocado

Qual foi o principal motivo para escolha do curso?

- Facilidade no ingresso
- Baixa concorrência
- A formação pedagógica
- Mercado de trabalho
- Obter um diploma
- Ideologia do curso
- Identificação pelo curso

Você está sendo contemplado com algum programa de bolsa na UFPB? Sim Não

Como você avalia a assistência estudantil da UFPB no contexto do favorecimento para permanência no curso?

- Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Qual a perspectiva após a conclusão do curso?

- Fazer especialização
- Ingressar no mestrado

- Trabalhar como professor(a) em escola privada
- Trabalhar como professor(a) em escola pública
- Trabalhar como professor(a) em escola pública e privada
- Concurso público

QUESTÕES PESSOAIS: RECORTE LGBT

Qual sua orientação sexual?

- Homossexual Bissexual Heterossexual

Você demonstra abertamente a sua orientação sexual no ambiente acadêmico?

- Sempre Frequentemente Algumas vezes Raramente Nunca

Você, em algum momento, já se sentiu excluído(a)/rejeitado(a) dentro da Universidade por causa da sua orientação sexual?

- Sempre Frequentemente Algumas vezes Raramente Nunca

Dentro da Universidade você já sofreu/sofre discriminação/preconceito por causa da sua orientação sexual?

- Sempre Frequentemente Algumas vezes Raramente Nunca

Você já presenciou ou soube de algum fato de discriminação/preconceito contra pessoas LGBT dentro da UFPB?

- Sim Não

Você, em algum momento da vida, sofreu/sofre discriminação/preconceito por causa da sua orientação sexual?

- Sempre Frequentemente Algumas vezes Raramente Nunca

Você se sente/sentiu constrangido/a ou inseguro(a)/constrangido(a) no ambiente acadêmico por causa da sua orientação sexual?

- Sempre Frequentemente Algumas vezes Raramente Nunca

Você pensa, já pensou em desistir do curso por algum conflito interno ou externo relacionado à sua orientação sexual? (Ex: expulso (a) de casa; vítima de preconceito; adquiriu depressão; etc.)

() Sempre () Frequentemente () Algumas vezes () Raramente () Nunca

QUESTÕES ABERTAS

Como foi sua trajetória escolar até o momento atual na universidade considerando sua condição de ser LGBT oriundo do (a) campo/cidade?

Você teve alguma dificuldade durante a sua permanência no curso até agora? Se sim, quais? Como você vem superando essas dificuldades?

O que mais tem te motivado a permanecer no curso até agora e por quê?

Na sua opinião, casos de homofobia contra estudantes LGBT seria um fator desestimulante ou estimulante para a permanência no curso? Por quê?
